UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO : HISTÓRIA DA LITERATURA

CHARLENE DA SILVEIRA FARIAS

NEGRITUDE E ESCREVIVÊNCIA NA ANTOLOGIA SOPAPO POÉTICO :PRETESSÊNCIA

RIO GRANDE
2025

CHARLENE DA SILVEIRA FARIAS

NEGRITUDE E ESCREVIVÊNCIA NA ANTOLOGIA SOPAPO POÉTICO : PRETESSÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em História da Literatura da Universidade Federaldo Rio Grande,com o requisito parcial e último paraa obtenção do grau de Mestra em Letras.
Orientadora: Profª Drª Rosane Maria Cardoso

RIO GRANDE
2025

NEGRITUDE E ESCREVIVÊNCIA NA ANTOLOGIA SOPAPO POÉTICO : PRETESSÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Mestrado em Letras, Área de concentração História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Letras.

Aprovada em:_/_/_

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Rosane Maria Cardoso
Universidade Federal do Rio Grande-FURG

Prof Dr Rodrigo da Rosa Pereira
Universidade Federal do Rio Grande-FURG

Prof Dr Paulo Roberto Alves dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Ficha Catalográfica

S712 Farias,CharlenedaSilveira.
NegritudeeescrevivênciaanaantologiaSopapoPoético:
Pretessência/ Charlene da Silveira Farias. – 2025.
82f.

Dissertação(mestrado)–UniversidadeFederal do RioGrande–
FURG,ProgramadePós-GraduaçãoemLetras,RioGrande/RS, 2025.
Orientadora:Dra.RosaneMariaCardoso.

1.Sopapopoético2.Religiãodematrizafricana3.Resistência
de.Cardoso,Rosane Maria.

Catalogação na Fonte:Bibliotecária Daiane Schramm CRB10/1881

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DAEDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS–PPG LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº14/2025

No dia dez de outubro de dois mil e vinte e cinco, através de videoconferência, realizou-se a 294ª defesa de dissertação no PPGL-FURG, da mestranda Charlene da Silveira Farias, intitulada: **"Negritude e escrevivência na antologia sopapo poético: pretessência"**. A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelo Prof. Dr. Rodrigo da Rosa Pereira (FURG) e Prof. Dr. Paulo Roberto Alves dos Santos (UEFES). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que APROVA a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras,na área de concentração em História da Literatura.Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSANE MARIA CARDOSO
Data: 21/10/2025 14:01:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa.Dra.Rosane Maria Cardoso(orientadora–FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
RODRIGO DA ROSA PEREIRA
Data: 22/10/2025 14:40:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.Dr.Rodrigo da Rosa Pereira(FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
PAULO ROBERTO ALVES DOS SANTOS
Data: 22/10/2025 14:25:01-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.Dr.PauloRobertoAlvesdosSantos(UEFES)

A Azadir Silveira de Farias (*in memoriam*), José Renato Colares de Moura companheiro,amigo e Jade Silveira Colares calmaria.

AGRADECIMENTOS

Gratidão,gratidão,gratidão.Primeiramente,sou grata pela paciência,dedicação e carinho da minha orientadora prof. Dra. Rosane Maria Cardoso. Ser grata é a palavra mais adequada, mas é, de longe, a que mais representa as inúmeras indicações de caminhos de forma tão sutil e permeada de atenção.Além da orientação, correção e o valioso tempo para leitura.

Não poderia deixar de agradecer as casas de terreiras da cidade de Rio Grande- RS, em especial, aos Babalorixás e Ialorixás pelo imenso auxílio e pelas portasde seus reinos abertas. Sou grata também à CAPES pela bolsa, cuja qual não teria as mínimas condições de sonhar em cursar o mestrado. O caminho para quem vem da periferia é mais tortuoso e as oportunidades bem menores.

Sou grato pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande pelosmomentos de aprendizado, em especial, aos professorespelo incentivo constante em buscar o melhor e para a Isabel Mendes.

Sou grato pela minha família, pilar que me mantém, em especial, minha mãe Azadir Silveira *(in memorian)* sempre me apoiando e me incentivando, meu esposo José Renato pela paciência, companherismo, amor e compreensão, pela minha filha Jade que me incentiva todos os dias a seguir lutando e aos meus ancestrais.

Osmeninosengraxates
Nãousamsapatos.
Issoéfato!
Quenossafaltadetato
Não deixa perceber:
Afaltadosapato
A falta do afeto...
Agraxadosapato
Éacor domenino
Eobrilhodolustre
Reflete em sua face.
Enqunatolustraosapato
Ele pensaquenãohásapatos
Paracalçar...
Eaquelequeestálustrando
não é o seu número!
Não é o seunúmero!
Ana dosSantos

RESUMO

A presente pesquisa investiga a antologia *Sopapo poético: pretessência*(2016),uma obra permeada de escrevivência, negritude e ancestralidade. O principal objetivo foi legitimar a presença da religião de matriz africana, batuque na antologia citada. Num primeiro momento, buscou- se na historiografia afro- gaúcha a origem da religiosidade sul- rio-grandense no Estado sulino.Para isso, revisam-se as contribuições teóricas e as esferas de circulação das terreiras gaúchas na cidade de Rio Grande- RS, berço do batuque.Nesse contexto, o constante diálogo com vivenciadores e praticantes da religião de matriz africana a exemplo o batuque e demais práticas religiosas imbuídos de sabedoria ancestral, foi possivel perceber as formas de resistência negra através da religiosidade afro- gaúcha. Em um segundo momento, ancorou- se no conceito de escrevivência da autora Conceição Evaristo (2010) e intelectuais para ressignificar o processo de negritude como Lélia Gonzalez (1984;2018;2020), Beatriz Nascimento (1989), Grada Kilomba (2019) entre outras.Por fim, percebe- se que a temática da religiosidade afro- gaúcha presente em poemas de autoria feminina afro-gaúcha na antologia citada que é o *corpus* da pequisa se encontra ancorada na historiografia negra do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Sopapo Poético ;Religião de matriz africana; Resistência.

ABSTRACT

This research investigates the anthology SopapoPoético: Pretessência (2016), a work permeated with writing, blackness and ancestry. The main objective was to legitimize the presence ofthe religionof Africanorigin, batuque, inthe aforementioned anthology. The first step was to search Afro-Gaucho historiography for the origins of Rio Grande do Sulreligiosity in the southern state of Rio Grande do Sul, reviewing theoretical contributions and the spheres of circulation of Rio Grande do Sul terreiras in the city of Rio Grande do Sul, the birthplace of batuque.In this context, the constant dialog with people who experience and practice religion of African origin, such as batuque and other religious practices imbued with ancestral wisdom, made it possible to understand the forms ofblack resistance through Afro-Gaucho religiosity. Ina second step, we used the concept ofwriting bythe author Conceição Evaristo (2010) and intellectuals to reframe the process of blackness, such as Lélia Gonzalez (1984; 2018; 2020), Beatriz Nascimento (1989), Grada Kilomba (2019) and others. Finally, it can be seen that the themeof Afro-Gaucha religiosity present in poems by Afro-Gaucha women in the anthology cited, which is the corpus of the research, is anchored in the black historiography of Rio Grande do Sul.
Key-words: Poetic Sopapo;Religiono Africanorigin;Resistance.

Lista de Figura

Figura1–Imagem Oxum 69
Figura2–Imagem do Buda 70
Figura3–Imagem Pai Ossanha 71
Figura4–Imagem Oxumarê 72
Figura5–Imagem Oxossi 73
Figura6–Imagem casa Nanã 74
Figura7–Imagem Oxum 75
Figura8– Imagem Mãe Obá 76
Figura9– Imagem Mãe Nely 77
Figura 10–Imagem Mãe Iansã 78
Figura11–Imagem Ogum 79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....09
1. Negros e Negras no Rio Grande do Sul:Primórdios..... 13
1.1.O sistema escravocrata no Rio Grande do Sul..... 13
1.2. A vida em comunidade: Cultura..... 25
1.3. Religião de matriz africana no RS história e pré-conceitos 31
2. A Religião de Matriz africana na literatura 40
2.1. As mulheres no contexto afro-religioso sul rio-grandense..... 40
2.2. A religiosidade na literatura feminina do Rio Grande do Sul 59
2.2.A obra Sopapo Poético:Pretessência 52
CONSIDERAÇÕES FINAIS 60
REFERÊNCIAS..... 62
ANEXOS 70

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado das pesquisas que realizei em campo, incluindo eventos, bibliografias e documentários acerca da religião de matriz africana, especificamente, nos municípios de Rio Grande e Pelotas, ambos no Estado sulino. Ao longo do período da pesquisa participei como ouvinte dos cursos" Olùsó:Guardiãs do Povo de Terreiro" e "Culturas Infantis de Terreiro[1]: agenciando memórias, histórias e narrativas", ambos na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) referentes á religião de matriz africana. Desde o princípio, direcionei minha pesquisa à antologia de escritores e escritoras afro- gaúchos, porém foi apenas em 2020 que iniciei seu estudo, considerando-a como ferramenta de resistência e que por infindas razões não recebe a atenção devida.

Em um primeiro contato com a antologia *Sopapo poético: pretessência* (2016) busquei investigar poemas da poetisa Ana dos Santos e seu teor testemunhal, o que culminou em uma apresentação para a Jornada Literária na Universidade Federal do Rio Grande (FURG),no ano de 2020, intitulada *Nós por nós:literatura negra por vozes negras*. Durante a elaboração desta pesquisa, pude observar os primeiros indícios da escrevivência a que investiguei nesta dissertação. Posteriormente,em 2021, voltei minha atenção novamente para a antologia mencionada.Desta vez, como objetivo de analisar a religião de matriz africana no Rio Grande do Sul, especificamente, o batuque.O resultado desta análise foi a escrita de uma carta no livro *Matripotência e mulheres Olúsó*: memória ancestral e a enunciação de novos imaginários (2021), de Mírian Cristiane Alves,Ana Paula Melo da Silva,Raquel Silveira,Rita Dias,PriscillaPinheiro Lampazzi e Kaká Portilho,organizadoras,apresentado na Universidade Federal do Rio Grande – (FURG), naquele mesmo ano.

Ambos os cursos justificam a pesquisa aqui proposta, no qual encontra sua motivação. Através do primeiro foi possível observar os resquícios da escravização na sociedade, a presença feminina na religião de matriz africana e a escrevivência termo concebido por Conceição Evaristo (2010, p. 5), “Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos, é pessoal e intransferível”. É a “escrevivência”, pois, escrever a vivência pessoal, bem como a vivência de outras mulheres que não deixa de ser a sua e a sua que não deixa de ser a experiência de outras.

[1] Na cidade de Rio Grande/ Rio Grande do Sul, chamamos de terreira com (“a” no final) o local para a realização das cerimônias da Umbanda. No entanto, neste texto, quando fizermos referência às comunidades tradicionais de terreiro (com “o” no final),estaremos nos referindo a todo e qualquer território de culto e de preservação de tradições de matriz africana.

Essa escrevivência também pode ser entendida “ como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado em que o corpo- voz de mulheres negras e escravizadas tinha sua potência de emissão também sobre o controle dos escravocratas” (EVARISTO, 2020a,p.30). E é assim ancorada nessa escrevivência que autoras negras buscam manter suas histórias ancestrais, muitas delas carregadas de traumas refletidas no racismo cotidiano.De acordo com Kilomba,

> Fanon utiliza a linguagem do trauma, como a maioria das pessoas negras o faz quando fala sobre experiências cotidianas de racismo, indicando o doloroso impacto corporal e a perda característica de um colapso traumático, pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter. Tal separação é definida como um trauma clássico, uma vez que priva o indivíduo de sua própria conexão com a sociedade inconscientemente pensada como branca (Kilomba, 2019. p. 39)

Já através do segundo notou-se, primeiramente, as crianças na religião de matriz africana, e como a maternagem nos terreiros e a memória influenciam a oralidade e a escrita afro-brasileira e afro- gaúcha. A ausência de uma fortuna crítica acerca da religião de matriz africana na antologia *Sopapo poético: pretessência (2016)* também justificam a pesquisa.

A antologia pesquisada é diversificada e conta com fatos históricos, culturais e identitários relacionados a comunidade afro- brasileira, inclusive a afro- gaúcha. Além disso, a obra destaca a potência literária através de poemas que aludem à negritude, a ancestralidade, a identidade negra e a escrevivência. Em alguns poemas, as memórias individuais e coletivas e o teor testemunhal se entrecruzam, tecendo redes de resistências ancoradas nos traumas e nas dores de uma população, ainda, oprimida pelo processo de escravização.

Ao pensar nas obras produzidas por autoras afro-gaúchas utilizarei o conceito de literatura afro- feminina “(...) uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades” (SANTIAGO, 2012, p.155).

A antologia *Sopapo poético: pretessência* (2016) apresenta elementos característicos voltados para a religião de matriz africana. Além disso, os aspectos da cultura afro-gaúcha sobre o passado diaspórico da cultura afro- brasileira apresentam particularidades,um exemplo, é a figura mística do Custódio Joaquim de Almeida(1828-1932), mais conhecido como Príncipe Custódio e influenciador da religião afro-gaúcha, batuque. Segundo Fernanda Oliveira da Silva em seu artigo intitulado *Príncipe*

na encruzilhada: como o RS virou polo das religiões afro no Brasil, Custódio “era um homem negro oriundo de Ajudá (na atual República do Benin) e que ficou conhecido como "Príncipe Negro" ou "Príncipe de Ajudá". Ele também foi responsável pelo assentamento do Orixá Bará Lodê no Mercado Público da capital dos gaúchos, Porto Alegre. Nesse sentido, busca- se, a partir da antologia *Sopapo poético : pretessência* (2016),dar “ouvidos” as narrativas em que a religião de matriz africana, em especial, batuque é tema central, além de influenciar na construção da identidade do povo gaúcho e na tradição afrodiaspórica gaúcha. O antropólogo Kabengele Munanga em seu livro *Negritude: usos e sentidos (2015)* descreve que “A negritude seria tudo que tange à raça negra; é a consciência de pertencer a ela (MUNANGA, 2015.p.46).

Segundo Domingues:

> “A palavra *négritude* em francês deriva de nègre, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra négritude ao pólo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial.”(2005, p.25-40).

De acordo com Domingues:

> “De toda sorte, o conceito de negritude popularizou-se no país com o tempo, ampliando seu raio de inserção social e adquirindo novos significados. A partir do final da década de 1970, negritude tornou-se sinônimo do processo mais amplo de tomada de consciência racial do negro brasileiro. No terreno cultural, a negritude se expressava pela valorização dos símbolos culturais de origem negra, destacando-se o samba, a capoeira, os grupos de afoxé. No plano religioso, negritude significava assumir as religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé. Na esfera política, negritude se definia pelo engajamento na luta anti-racista, organizada pelas centenas de entidades do movimento negro.(DOMINGUES, 2005, p.25-40).”

E segue dizendo que:

> “Contemporaneamente, a ideologia da negritude é tão elástica que ainda podemos identificar sua expressão em diversas outras manifestações lúdicas e estéticas de afirmação racial: nos bailes da comunidade negra, nos grupos de dança e música afro, na proposta de alguns escritores e poetas que produzem literatura negra. Ela foi inclusive, apropriada pela indústria cultural e transformada em produto de consumo. Casos típicos dessa tendência é o verdadeiro comércio que se instaurou das roupas que têm o padrão estético africano e os cosméticos dirigidos para o segmento negro.(DOMINGUES, 2005, p.25-40).”

Neusa Souza (1983) destaca acerca do primeiro estágio da negritude : “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas

alienadas."(SOUZA,1983,p. 17-18). Para a pesquisadora o segundo estágio é a afirmação que ser negra é, criar a realidade a partir da espistemiologia negro-africana. E a autora segue, não se nasce negro, porém torna-se negro e para ela esse tornar-se negro é chamado de negritude, pois é uma maneira de tomar consciência das opressões e da falta de oportunidade que reacolocam ao espaço subalternizado. Lélia Gonzalez(1984) nomea esse segundo estágio de "memória", mas é preciso lembrar que é uma memória coletiva que reflete a identidade cultural. Nesse contexto, cito autores negros que ressignificaram o adjetivo nègre e descontruíram a imagem negativa realocando histórias e memórias ancestrais de cultura de matriz africana que foram: Aimé Cèsarie (1913-2008), Léon Dantas(1912-1978) e Sédar Senghor (1906-2001).

Para isso, essa pesquisa se desenvolve em dois capítulos. No primeiro,"Negros e Negras no Rio Grande do Sul:Primórdios" revisam-se a historiografia sulina com o aporte teórico do historiador Mário Maestri (1979) acerca da presença negra no Rio Grande do Sul, os valores culturais afro- rio- grandense e o surgimento da religião de matriz africana, batuque ao ser agregada a cultura afro- gaúcha. À vista disso, discute-se a origem e (pré) conceitos da religião afro - gaúcha e a representação da religião na cultura sul- rio- grandense ancorada na teoria do antropólogo Corrêa 2006 e Oro 2002 e demais vivenciadores anônimos no campo acadêmico, mas com um arcabouço teórico ancestral voltado para a oralidade.

No capítulo seguinte, intitulado "A religião de matriz africana na Literatura", aborda -se a vivência das mulheres de axé na cidade de Rio Grande- RS e a representação da religião de matriz africana na literatura afro- brasileira e afro-gaúcha, além de pensar nos mecanismos que causam a invisibilidade e o silenciamento da escrita de mulheres negras e gaúchas, pois, suas narrativas são ancoradas na memória e marcadas por traumas, pela dor e pela escrevivência, além de uma poética resistente. Para isso, disserta- se sobre o conceito de cânone, discutindo o lugar ocupado por essas obras que regem e promovem essa marginalização e a conceitualização por intelectuais negros acerca da literatura afro-brasileira. Além disso, discuti- se as características da religião de matriz africana, batuque na antologia *Sopapo poético: pretessência(2016)* presentes na estrutura da obra e nas narrativas femininas.

1. NEGROS E NEGRAS NO RS:PRIMÓRDIOS

1.1. O sistema escravocrata no RS

O Rio Grande do Sul é um estado com misturas de etnias, inclusive de descendência africana. No entanto, o que é veiculado em alguns discursos, é a presença de descendentes europeus, principalmente, portugueses, alemães, italianos, dentre outros. De acordo com Jorge Euzébio Assumpção (2013) “para a grande maioria dos historiadores, a imigração foi a grande alavanca do progresso rio-grandense.” (ASSUMPÇÃO, 2013, p. 19).O estado rio-grandense também é território de negros, mas o apagamento desta etnia é constante como no caso do município de Cerro Largo localizado no noroeste do estado na região das Missões.

Em sua dissertação (2017),intitulada *Paisagens silenciosas: A invisibilidade do negro em Cerro Largo* (RS) Leandro da Silva descreve a presença da população preta, em uma terra considerada somente de alemães. Fato descoberto diante de uma pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 que expôs que um quinto da população em Cerro Largo é preta e que permanecia na invisibilidade.No estudo, Leandro segue expondo a ausência de pessoas pretas no centro, entretanto na zona periférica o número é massivo, além do silêncio e da exclusão desses cidadãos negros. Leandro conclui em sua dissertação que:

> O alemão é identificado como sujeito trabalhador, higiênico, perseverante, empreendedor, ordeiro e zeloso. O brasileiro é desleixado e indolente. Os negros são brasileiros, entretanto além de incorporarem todos os adjetivos depreciativos desse grupo ainda são considerados sujos vadios e preguiçosos. No modelo da sociedade cebola os negros se encontram totalmente excluídos, silenciados e silenciosos vivenciam um não-lugar. (SILVA, 2017, p. 100)

Esta visão remete ao racismo sulino e o branqueamento da população através da imigração europeia que marca o espaço de superioridade de uma etnia que não seja a africana, mas é necessário ressaltar que os negros foram umas das etnias que também contribuíram na construção da história rio-grandense, segundo Maestri de forma “significativa em todos os momentos da fundação e do desenvolvimento da sociedade sulina” (2012, p. 334).

A partir das inúmeras discussões acerca do aspecto de natureza semântica das palavras“escravo”e“escravizado”,utilizarei na dissertação a palavra “escravizado. De acordo com o dicionário brasileiro o *Houaiss, a palavra* “escravo” significa “aquele que, privado da liberdade, e que está submetido à vontade de um senhor, a quem pertence como propriedade”, já a palavra “escravizado” apresenta o significado que se enquadra com a exploração sofrida dessa população de descendência ou de nacionalidade africana “escravizar como submeter (alguém) á condição de escravo”.

Os africanos ao serem sequestrados da África foram espalhados por todo o

território brasileiro, inclusive no Rio Grande do Sul, por mais que a história oficial passe por inúmeras versões e por processos de apagamento, os negros na historiografia sulina foram muitos em quantidade e muito importantes para a economia principalmente nas charqueadas. O historiador e professor da FURG (Universidade Federal do Rio Grande), Luiz Henrique Torres em seu artigo " *A cidade de Rio Grande : escravidão e presença negra*" afirma que: os escravizados africanos chegaram ao Brasil nos navios tumbeiros e no Estado sulino, em 1737, pelo porto marítimo da atual cidade de Rio Grande que na época se chamava Vila São Pedro ou Vila/ Cidade de Rio Grande.

Os escravizados eram vendidos em leilões públicos, porém antes de serem comercializados passavam pela inspeção médica e pela produção estética, já que vinham acorrentados num espaço pequeno dentro de navios negreiros compartilhando com outros cativos a péssima alimentação e a falta de higiene,que ocasionavam a deblitação do organismo a contaminação por muitas doenças, feridas e micoses. Durante a viagem, muitos escravizados morreram, já outros cometeram suicídios devido às condições degradantes que eram submetidos.

Os cativos eram vistos como mercadorias que podiam ser compradas e vendidas, uma mercadoria negociável e muita valiosa que viria a ser utilizada nas charqueadas. Para Assumpção, "As charqueadas rio-grandenses estão intimamente ligadas à escravidão, pois foi através delas que começou a entrada, em número significativo, de homens escravizados ao sul." (ASSUMPÇÃO, 2013, p. 59). Conforme Maestri (2012, p. 344) as charqueadas eram quase penitenciárias, onde os cativos trabalhavam dezesseis horas sob a ponta do chicote dos capatazes, enquanto nas pequenas interrupções para "descanso" recebiam pequenas canecas com água ardente.

Jorge Euzébio Assumpção (2013) afirma que a produção charqueadora defendia o sistema escravocrata gaúcho visando à economia e o lucro no Estado, sendo que 80% era da exportação do charque[2]. (ASSUMPÇÃO,2013, p.60). Em seu livro intitulado " *Pelotas, Escravidão e Charqueadas*" (2013) Assumpção narra a falta de higiene e o trabalho sem proteção que muitas vezes era realizado com feridas não cicatrizadas, além das horas excessivas de trabalho . Achille Mbembe (2018) discorre acerca dos cativos que: "A vida do escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte- em- vida." (MBEMBE, 2018, p. 27). August de Saint- Hilarie (1779-1853) comparou os cativos sulinos com os demais cativos brasileiros, afirmando que os negros eram bem tratados no sul, com exceção daqueles cativos das charqueadas. Ester Gutierrez (2001) afirma que "os escravos especializados na fabricação do

[2] Carne do gado abatida e salgada

charque eram os mais numerosos, correspondendo a uma média de 53% do total de cada charqueador.” (GUTIERREZ, 2001, p. 90),

No pólo charqueador pelotense havia casas senhoriais, senzalas, galpões, fornos e portos, um local de trabalho coercitivo que funcionava para manter a riqueza da elite branca. (...) A escravidão violentou nossos direitos, nossa língua, cultura, religião, nossa vida, enfim... nossos valores civilizatórios” (PIEDADE, 2017, p. 19). Os cativos no Estado conforme Maestri (1984) abriram estradas, preparam terras e derrubaram matas nas estâncias. Eles estavam presentes em todas as atividades, inclusive no comércio, mas para isso era necessário falar a língua do colonizador. Por isso, os escravizados no Estado não conseguiram preservar a língua materna, em razão da obrigatoriedade de manter a comunicação em língua portuguesa, além de perder sua identidade e adaptar a religião de origem sofrendo um processo de desafricanização.

Havia muitos relatos em relação ao desejo das pessoas em terem um escravizado, pois o simples ato de atravessar a rua com utensílios e / ou peças em seus braços ou até mesmo pegar um lenço no chão era necessário a aquisição de pelo menos um cativo, na verdade qualquer esforço na visão elitista demandava de um escravizado. No período escravista havia muitos registros sobre a origem dos escravizados, entretanto "a dificuldade em saber a procedência dos cativos se dá em partes pela ordem de Rui Barbosa quando, em 1890, mandou queimar todos os tipos de documentos relacionados à escravidão para por um fim as reivindicações dos ex-escravistas” (MAESTRI, 1993; KLOPPENBURG, 1961).

> Ao contrário do que se falou na historiografia brasileira durante muito tempo em relaçãoà resistência dos escravizados. Houve muita luta contra o sistema escravista que acaba não por caridade da monarquia, mas sim, devido a essa grande resistência e também aos movimentos abolicionistas. O escravizado não foi um agente passivo dentro da sua situação social. Houve lutas coletivas e individuais, em todo o território brasileiro. E no Rio Grande do Sul, apesar de um grande controle físico e psicológico dos escravistas, as lutas aconteceram desde o nascimento oficial do estado até o fim da escravidão em 1888. (Landgraf, 2024, p. 37).

Os escravizados nunca deixaram de buscar sua liberdade, sendo que no cativeiro, ainda, no continente africano a luta contra o trabalho coercitivo era uma maneira de protesto. A resistência dos cativos vem antes de embarcarem de maneira forçada nos navios negreiros, pois havia revoltas, violência, envenenamento, insurreições, etc.. Ao chegarem as terras brasileiras continuavam a resistir e a lutar por que queriam ser livres. Entretanto, o sequestro dos africanos envolvia muitos países que visavam o lucro ao comercializar as“peças”,os cativos. Segundo Pedroso (2020) , “É importante destacar que nem todas as revoltas tinham por objetivo destruir o sistema

escravista ou conquistar a tão sonhada “liberdade”.(PEDROSO,2020, p. 26).” Reis (1995-1996) afirma que : “Em algumas, os escravizados pretendiam conquistar ou reconquistar benefícios, ou mesmo punir feitores e senhores cruéis; nesse sentido, buscavam reformular a escravidão , e não destruí- lá.”

As punições, os castigos e os maus tratos nos cativos também eram elementos que ocasionavam muitas fugas. Com base nisso, muitos desses escravizados acabavam matando seus senhores, e/ou praticando assaltos nas estradas com o intuito de adquirir dinheiro em troca de sua liberdade. Além disso, a depressão era recorrente nos escravizados, ocorrendo surtos (o então famoso banzo). Existiu abortos, suicídios, assassinatos de senhores e até mesmo de toda a sua descendência” (NASCIMENTO, 1976, p. 68).As fugas não eram só para negar a escravização, mas diante das condições históricas e sociais esta era a única alternativa.

> (...) o fato que determina a fuga é a pobreza de recursos à qual qualquer grupo de homens escravos está submetido. Ela vai promover a ausência de condições para que eles se armem satisfatoriamente a fim de empreender uma guerra aberta na qual se embata o senhor e a nova ordem insurgente. A fuga leva em consideração, também, as condições geográficas que possibilitam a obscuridade das matas. É, portanto, a forma de reação primeiramente escolhida e largamente usada para iniciar uma nova ordem realmente autônoma.” (NASCIMENTO, 1976, p. 72)

Um dos castigos mais recorrentes nos escravizados era o ferro em brasa, instrumento frequentemente usado para punir o cativo, mas também para marcá-lo geralmente com as iniciais do nome do proprietário de forma a discriminar sua propriedade,um ato comum nos anúncios dos cativos fugidos.A luta contra o trabalho coercitivo encontra na fuga, salvo engano, a sua reação mais perceptível. Pode-se dizer que, instintivamente esta era a maneira mais simples pela qual a escravaria podia se livrar do cativeiro,pois qualquer descuido na vigilância por parte dos escravocratas era o suficiente para proporcionar uma fuga.

Sendo assim, o sistema exigia um aparelho repressivo, particular e estatal, que se uniam para combater a resistência negra, além disso, as fugas poderiam proporcionar a formação de quilombos, sendo que estes trariam consigo mais prejuízos e desgastes a ordem vigente. De acordo com Lagraf quilombo era: “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (LAGRAF, p. 31. 2024).

O nome quilombo de origem banto, mais precisamente de Angola foi denominado pelos portugueses que qualificavam os locais onde viviam os cativos fugitivos. O quilombo está no universo simbólico dos negros, seu “caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do

grupo" (NASCIMENTO, 1981a, p. 211).

Para Beatriz, o quilombo "se forma mais na necessidade humana de se organizar de uma forma específica que não aquela arbitrariamente estabelecida pelo colonizador" (NASCIMENTO, 1976, p. 70). "É corrente na documentação oficial denominar quilombo a qualquer agrupamento de negros, inclusive comunidades onde claramente se vê sua constituição religiosa" (NASCIMENTO, 1976, p. 73)

As depreciações do quilombo como refúgio de negros fujões evidencia uma construção histórica mistificante.

> O quilombo não é como a historiografia tem tentado traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato de os negros existirem a tentativa dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si. (NASCIMENTO, 1977, p. 129)

A primeira referência sobre a existência de quilombos em território gaúcho data do século XVIII, segundo Mário Maestri:

> A primeira referência conhecida a quilombos no Rio Grande do Sul encontra-se nas atas da Câmara de Porto Alegre. Na sessão de 31.02.1789, podemos ler "Nesta vereança se proveu a Estância Dutra para Capitão do Mato do Distrito da Freguesia desta vila e se passou Edital sobre as rondas que o mesmo deviafazer de noite". Os escravos começam a ser um problema para a vila. Essa referência é seguida por uma outra da mesma câmara, de 18 de abril domesmo ano. "Nesta Vereança se deferiu avários requerimentos esse mandou fazer uma marca F para marcar os escravos apanhados em quilombo, e assim mais um tronco para o capitão do mato segurar osescravosqueforem apanhadosem quilombos para neles se fazer à execução que a lei determina antes de entra na cadeia". (MAESTRI, 1984,p. 105)

Os quilombos no Rio Grande do Sul, infelizmente são infinitos, por isso se torna quase impossível de quantificar o número exato. A falta de comprovação dos quilombos sulinos é mais uma lacuna e uma ausência na historiografia rio- grandense. O que se sabe através de narrativas é que na época escravista havia um bandeirante que destruía os quilombos e caçava os negros fujões. A destruição desses territórios quilombolas significava a perda de viver em um território da ancestralidade negra. Os levantamentos historiográficos encontraram alguns quilombos mapeados no Estado, um exemplo, o Quilombo do Negro Lucas que deu origem ao livro intitulado, *Quilombo do Negro Lucas: luta e resistência na fronteira meridional do Brasil* de Cristiano Landgraf. O livro aborda a formação do quilombo do negro Lucas e a Vila de São Pedro do Rio Grande. Maestri, afirma que a Ilha dos Marinheiros, no ano de 1833, tinha o Quilombo do Negro Lucas que seria formado há mais de dez anos por um

negro chamado Lucas que ali vivia juntamente com outros escravizados.

No ano de 1833, esse quilombo foi encontrado pelas autoridades municipais numa expedição da Guarda Nacional que foi enviada para destruir o quilombo.Com os quilombolas foram encontrados carne, graxa, sebo, panelas de ferro,chocolateiras, garrafas, frascos, garrafões, uma lança além de uma grande porção de lenha cortada. (MAESTRI, 1979, p. 51-52).

O Quilombo dos Palmares, um dos mais conhecidos em razão da glorificação do herói negro Zumbi dos Palmares (1655-1695), foi capturado ainda bebê num dos ataques ao quilombo liderado por Brás da Rocha. Ele se tornou símbolo de resistência, lutou pela liberdade não só dos escravizados e negros, mas também dos camponeses, índios, trabalhadores, das minorias e de todos, além de combater a escravização por aproximadamente cem anos anos no Quilombo dos Palmares destruído em 1694 pelo bandeirante Domingos Jorge Velho recompensado generosamente pelas autoridades da época.

O livro intitulado *Quilombos e quilombos em terras gaúchas* (1979) de Mário José Maestri Filho enaltece Manuel Padeiro, o Zumbi dos Pampas que vive na memória coletiva dos pelotenses e aos poucos tem tido sua historiografia divulgada. Conforme as pesquisas sobre quilombos no Estado sulino ficou evidente que o Zumbi dos Pampas foi um justiceiro, exemplo de resistência, que liderou fugas e lutou pela liberdade dos cativos. O Zumbi do Pampas conhecido como “o general” e apagado da historiografia sulina fundou diversos quilombos na região de Pelotas, terra dos doces e dos casarões, a princesa do sul.

Os quilombos gaúchos representam real e simbolicamente a retomada de terra, além de tudo o que ela representa para a população negra, juntamente com os terreiros e os clubes sociais negros que são espaços de resistências e de identidade transcultural. E é nos quilombos que os negros tentam restituir um sentimento de pertença ao serem desprovidos de sua terra que é a marca maior da ancestralidade.

No dia 20 de Novembro é comemorado *Dia da Consciência Negra*, a data foi instituída pelo movimento negro e é em homenagem a Zumbi dos Palmares, líder do maior quilombo do Brasil. No ano de 1971, na cidade de Porto Alegre, foi fundado o Grupo Palmares que passou a questionar a legitimidade do dia 13 de maio, data da abolição, após a assinatura da Princesa Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon- Duas Sicílias e Bragança (1846- 1921) no ano de 1988. O grupo foi uma associação direcionada ao ativismo político e cultural, um exemplo disso são as atividades que eram voltadas para ações culturais acoradas na poesia, música, dança, religião e a capoeira com a finalidade de conscientização politíca

e ativismo antirracista.

Oliveira Silveira (1941-2009) foi um dos integrantes do grupo Palmares e um dos idealizadores do *Dia da Consciência Negra,* 20 de novembro. Ele adotou Zumbi dos Palmares como herói nacional. O poeta, professor e pesquisador gaúcho Oliveira Ferreira da Silveira, natural de Rosário do Sul,formado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul ,teve bastante atuação no movimento negro por meio da militância e da produção literária negra. O poeta militante deixou um legado para a história e a cultura afro- gaúcha que atualmente é mantido pela sua filha Naiara Silveira.

A presença negra na Revolução Farroupilha foi um fato muito importante para a historiografia sulina, entretanto há controvérsias e discordâncias entre os historiadores. O corpo de Lanceiros Negros composto por negros livres e cativos alforriados visava à liberdade através de uma falsa promessa que possibilitava a alforria a quem aderisse à luta dos farrapos. No entanto, as ideias convergentes dos comandantes farroupilhas decidiram por manter a escravização. Alguns estancieiros alistavam seus cativos com a intenção de não serem incluídos na guerra. Com base nisso, a participação dos negros era significativa, pois lutavam com as forças rebeldes republicanas que lutaram contra o império.

De acordo com Assumpção,

> Um grande número de ex-escravos participou da Guerra Farroupilha em troca de sua carta de alforria, na expectativa de viver uma vida em liberdade após o confronto. Porém, a esperança de grande parte dos soldados negros não se consumou. Esses foram traídos pela elite farroupilha na chama surpresa de Porongos. (ASSUMPÇÃO, 2013, p. 227)

A Revolução Farroupilha tinha como lema: liberdade, igualdade e humanidade, porém não condiz com o genocídio ocorrido aos Lanceiros Negros na madrugada do ano de 1844 no dia 14 de novembro, a possível Traição de Porongos também conhecida como Massacre de Porongos e/ ou Surpresa de Porongos. David Canabarro, líder da Revolução Farroupilha desarmou os Lanceiros Negros alegando que precisava fazer a substituição da munição que se encontrava velha.

Entretanto, este fato foi considerado uma possível emboscada realizada pelas tropas imperiais.Canabarro,no momento da emboscada se encontrava com mulheres que acompanhavam as tropas. O Massacre de Porongos ocorreu no Cerro dos Porongos município de Pinheiro Machado nos anos finais da guerra. Infelizmente o Caso dos Porongos permanece sendo alvo de polêmicas gerando muitas dúvidas, apagamento e silenciamento das lutas dos negros escravizados.

Conforme Pesavento (2005), a Revolução Farroupilha constitui-se em episódio constantemente trabalhado pela memória local e responsável pela construção da identidade gaúcha.O Massacre dos Porongos tem ganhado mais visibilidade pelos gaúchos e por muitos brasileiros, devido o aumento de pesquisas históricas e do crescimento do movimento negro.

Sobre a presença das escravizadas no Rio Grande do Sul, a pesquisadora Margaret Bakos em sua comunicação intitulada *"Sobre a Mulher Escrava no Rio Grande do Sul"* principia as discussões acerca dos anúncios publicados em jornais da época passada, pois, eram quem ofereciam e solicitavam as escravizadas gaúchas. Em sua comunicação, a pesquisadora salienta as localidades e os municípios gaúchos que tinham mais escravizados(as) ressaltando a importância economicamente das cativas gaúchas. Com base nisso, surgiu à pergunta central de Margaret, Para quais atividades as cativas eram requisitadas, pois eram numerosas? As escravizadas gaúchas da capital do Estado labutavam no eito[3], em atividades domésticas e tantas outras.

Para Rago,

> "As péssimas condições de trabalho, os salários inferiores aos dos homens,o assédio sexual, as inúmeras formas da violência machista foram temas que ocuparam as páginas das obras que se dedicaram à mulher trabalhadora e que acabaram por identificá-la como produto das determinações econômicas e sociais, vítima das injunções do sistema, dando pouco destaque à sua dimensão de sujeito histórico, consciente e atuante" (RAGO, 1995, p.82)

Essas fontes acerca das atividades das mulheres escravizadas no Rio Grande do Sul estão nos anúncios de "*O Diário, j*ornal" de Porto Alegre, sendo considerada a fonte mais antiga.De acordo com Freitas (1977), a situação da mulher negra enquanto escravizada se encontrava em duas categorias a trabalhadora de eito e a mucama.

Ainda segundo Freitas:

[3] Palavra usada para designar, de uma maneira geral, o espaço, no qual os escravos africanos eram obrigados a trabalhar na zona rural. Nos plantios de cana-de-açúcar, no nordeste brasileiro, durante o período colonial era a palavra usual para se referir ao escravo.

> “as mullheres escravizadas couberam-lhe a tarefa de doação de força moral e física. Como trabalhavam em condições extremas, pois eram vistas como uma figura de incentivo á fuga ou à revolta . E enquanto mucama cabia-lhe a tarefa de manter em todos os níveis o bom andamento da casa grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas. (FREITAS, p. 111,1977).”

Após o trabalho pesado na casa grande cabia-lhes o cuidado dos próprios filhos, além da assistência aos companheiros chegados das plantações, engenhos, etc e quase mortos de fome e cansaço. Ademais, elas ainda tinham que cuidar e educar os filhos de seus senhores contando-lhes histórias harmoniosas e com ideologias oficiais, exemplos de integração e harmonia raciais, supostamente existentes no Brasil, que representaria o negro acomodado, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu segundo a maneira cristã, oferecendo a outra face ao inimigo (GONZALES, 2018, p. 39-40).

Algumas escravizadas exerciam a função de mãe preta, as amas de leite, uma prática comum na época, porém representava a exploração e a separação familiar,no qual essas escravizadas tinham que se afastarem dos seus próprios filhos para alimentar os filhos dos seus senhores e em muitos casos acabava por substituir as próprias mães.

Para Gonzalez (2020) “ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrida pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho.(GONZALEZ, 2020, p.56)”.Nas grandes propriedades rurais as escravizadas procuravam no trabalho criar uma forma de resistência e até de liberdade, como diz Maria Odila Dias (2012) neste trecho:

> “Boas cozinheiras, engomadeiras e lavadeiras eram requisitadas para prestar serviços na sede da fazenda. As escravizadas domésticas, as mucamas, eram poupadas dos trabalhos mais pesados da lavoura e podiam andar mais bem vestidas e limpas.(DIAS, 2012,p. 360-380).”

Na casa-grande, usavam roupas no estilo europeu, mas as que iam e vinham, como as lavadeiras e as passadeiras, ousavam manter seus turbantes e saias de bicos, conservando os penteados e os estilos de vestir de suas terras de origem e do seu grupo étnico. Para as suas festas e batuques, as escravas que serviam à casa- grande conseguiam ostentar acessórios. O arcabouço teórico acerca desta temática apresenta dados escassos dessas mulheres na historiografia brasileira,principalmente na gaúcha, causando ausência de trabalhos acadêmicos. A temática da mulher negra escravista esteve por muito tempo silenciada na historiografia sul rio- grandense.

M. Rago(1995) critica:

> Esta reflexão se faz tanto mais necessária, quanto mais nos damos conta de que a História não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história. Além do mais, vale dizer que se esta produção não se caracteriza como feminista, nem significou um questionamento prático das relações de poder entre os sexos na academia, ela carrega traços evidentes de uma vontade feminina de emancipação. (RAGO, 1995, p.81)

O trecho explicita um discurso do passado construído por historiadores que analisam a construção de uma história. A mulher escrava, crioula ou africana começou a ter relevância. Como diz Mary Beard, “o que importa quanto às mulheres não é que tenham sido um grupo oprimido, mas que tenham dado uma contribuição contínua e marcante à sociedade através de toda a história”.

No resumo de seu texto, Dias (2012, p.360) salienta que as escravas afastadas de suas redes familiares naturais tiveram que se adaptarem as condições de vida precária, maus-tratos, submissão, entre outras violências, durante o sistema escravista. Para estas mulheres era fundamental: força, inteligência e rebeldia. O cotidiano das escravizadas se estabelece a partir das formas de resistências que essas mulheres estabeleciam para viver e sobreviver, como relata Dias (2012), e que fora ressaltado anteriormente: era importante força, inteligência e rebeldia.

Dentre as formas de rebeldia das escravizadas,Dias(2012) destaca a resistência linguística – uso de diversos dialetos característicos de regiões da África, utilizados para insultar os senhores – fato que explica as muitas acusações de injúria e a raiva dos senhores; entoação de canções ancestrais durante as horas de trabalho, a fim de amenizar o serviço pesado, entre outras formas.

Algumas dessas mulheres procuravam aprimorar-se nas atividades – algo como especialização do serviço – de forma a se tornarem valiosas dentro da organização das famílias coloniais, assim era mais fácil conquistar alguns “privilégios”, como: atuar somente no serviço em que se destacava amenizar os castigos, entre outros. O apego à religião ancestral também era utilizado como forma de resistir à exploração, como relata Dias (2012):

> Entre as inúmeras formas encontradas pelas escravas para enfrentar as adversidades, estava o recurso à religião e à magia. O acesso das escravas ao mundo espiritual era feito através de plantas, folhas e raízes, colhidas segundo costumes oriundos da África. Além de exercerem importante papel como agregadoras da vida comunitária, mantenedoras e divulgadoras de costumes culturais advindos da África, as escravas mais velhas atuavam também como feiticeiras e curandeiras. Lançavam mão de ervas para diversos fins, entre eles o de invocar os deuses. Eram elas também que

> distribuíram entre as demais escravas os “trabalhos” a serem feitos para agradar os deuses e garantir sua intervenção contra a violência dos capatazes, impedir os estrupos, fornecer alimentos para os filhos pequenos e preservar sua saúde. Algumas acolhiam as mais jovens como afilhadas e as iniciavam no culto aos deuses,com promessas, amuletos,intermediando todo tipo de proteção sobrenatural (DIAS, 2012, p.369-370).

E Dias segue:

> Ser liberta não eximia as mulheres do ônus de viver em uma sociedade escravista. As forras enfrentavam inúmeros preconceitos, eram acusadas de ‘levar vida airada’, de não ter moral. Eram constantemente abordadas pelas autoridades como se fossem escravas fugidas e algumas chegavam a ser presas várias vezes, amargando processos judiciais para comprovar o seu status de liberta. Muitas chegavam a ser raptadas, reescravizadas e revendidas como escravas. (DIAS, 2012, p. 377-378).

Para Carneiro:

> “Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário,que nunca reconheceram em si mesmas esse mito,porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras,quituteiras,prostitutas(...) Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados.” (CARNEIRO, 2011).

As mulheres negras cativas e gaúchas, não têm suas histórias exaltadas, fontes mostram resquícios da escravização feminina de maneira rasa. Porém o reflexo deste período deixou heranças ancestrais refletidas nessas mulheres que ainda continuam sendo apagadas e invisibilizadas , além de permanecerem a margem exercendo, muitas vezes, os mesmos trabalhos manuais, subalternos do tempo da escravização.

A mulher negra tem sido quilombola exatamente porque graças a ela podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro.Enquanto escravizada ela foi dirigida para diferentes tipos de trabalho, que iam desde aquele no campo (plantação de cana, de café, até o trabalho doméstico) estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Além de habitante participou com palmares, nas lutas contra expedições militares destinadas á sua destruição nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e antirracista.

Em relação às quilombolas a grande herdeira dos quilombolas, Dandara e Luiza Mahim, de Tia Ciata e Mãe Senhora, mas outras mulheres escravizadas também fizeram parte dos quilombos segundo pesquisas, elas foram fundamentais para a comunidade negra. Assim, recortam-se algumas quilombolas: Dandara dos Palmares[4] ,Luiza Mahin[5] Tereza de Benguela[6], Aqualtune[6,] Acotirene[7],Esperança

Garcia[8], Maria Firmina dos Reis[9], Tereza de Benguela[10]. E a rainha Nzinga (1583-1663), pertencente de Angola em que sua história acabou sendo explanada pelo streaming da Netflix. As mulheres pertencentes à comunidade quilombola em geral são essenciais para moldar a identidade de seus iguais, pois elas lutaram pela desigualdade, por justiça e por reconhecimento. Ao gestar a potencialidade, muitas dessas mulheres foram atingidas pelas múltiplas violências em uma sociedade massacrada pelo racismo, genocídio e patriarcado, especificamente o povo preto. O movimento coletivo das quilombolas em diáspora serve como combustível para a manutenção do patrimônio cultural e da luta negra. É no aquilombamento, que as mulheres pretas buscam equilíbrio, justiça e o agenciamento de sua própria narrativa.

As batalhas raciais e estruturais vivenciadas pelas mulheres negras quilombolas abriram feridas diretamente no seu próprio corpo e aos poucos a dor que

---

[3]Uma das líderes mais conhecidas no país, pois, lutou contra a escravidão em Palmares. Além disso, foi contra a proposta da Coroa Portuguesa em condicionar as reivindicações dos quilombolas. Considerada uma guerreira, Dandara morreu durante adisputa no Quilombo dos Macacos pertencente ao Quilombo de Palmares,onde vivia também seu marido, Zumbi dos Palmares. Entretanto, não existe registro documental acerca dela no século 17. De acordo com a historiadora, Silvia Hunold Lara , da Unicamp, Dandara surgiu no univesro literário.

[4]Passou muito tempo na Bahia e participou do levante na Revolta dos Malês, em 1835 e a Sabinada, em (1837-1838). Além disso,trabalhava como ganhadeira (no comércio de rua). Para a historiadora Wlamyra Albuquerque (UFBA) e a pesquisadora independente Lisa Earl Castilho, foram encontados documentos inéditos , incluindo o testamento da tia- avó paterna de Luiz Gama (1830- 1882), abolicionista, poeta, jornalista, advogado e filho de Luiza, que descrevia que Luiza fora um aescravizada nagô contradizendo a origem africana.

[5]No Brasil, dia 25 de julho é comemorado o Dia de Tereza de Benguela em homenagem a líder quilombola. Era mulher do líder do Quilombo de Quarterê ou do Piolho, no Mato Grosso. Por lá, foram abrigados até índios bolivianos incomodando autoridades das Coroas espanholase portuguesa. Tereza foi presa em um dos confrontose como não aceitou a condição de escravizada suicidou-se.

[6]Era filha do Rei do Congo e foi vendida para o Brasil. Grávida no Quilombo dos Palmares organizou sua primeira fuga. Ficou conhecida por ficar ao lado de Ganga Zumba, antecessor de Zumbi, seu neto.A guerreira morreu queimada.

[7]Era considerada matriarca no Quilombo dos Palmares e conselheira dos primeiros negros refugiados na Cerca Real dos Macacos. Um dos mocambos (casa) foi batizado com o seu nome.

[8]Ousou a escrever uma carta para o presidente da Província de São José do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, denunciando os maus-tratos físicos de que era vítima, ela e seu filho, por parte do feitor da Fazenda Algodões.

[9]Considerada a primeira romancista brasileira que dedicou sua vida a leitura e a escrita, além de escrever o primeiro romance abolicionista, Úrsula, que narra à condição da população negra no Brasil com elementos da tradição africana.

[10] No Brasil, dia 25 de julho é comemorado o Dia de Tereza de Benguela em homenagem a líder quilombola. Era mulher do líder do Quilombo de Quarterê ou do Piolho, no Mato Grosso. Por lá, foram abrigados até índios bolivianos incomodando autoridades das Coroas espanholase portuguesa. Tereza foi presa em um dos confrontose como não aceitou a condição de escravizada suicidou-se.

pulsa começa a matar ancestral, mental e fisicamente os corpos pretos. No período escravista, a desarmonia afetiva impactada para eliminar emoções e o não amor, devido à sensibilidade das mulheres pretas cativas, era uma maneira de sobrevivência, pois reafirmo que somos vistas como mulheres fortes. Muitas dessas mulheres apresentavam traumas e marcas pelo corpo, em razão da violência física e psicológica que sofriam. Nós mulheres pretas, carregamos a herança e o título de mulheres fortes e guerreiras, fato que me atravessa.

Em relação à figura da mulher negra forte,(KILOMBA,2019,p.192) afirma que"(...) aprisiona as mulheres negras numa imagem idealizada que não nos permite manifestar as profundas feridas do racismo". No entanto, as mulheres negras quilombolas, ainda seguem sendo violentadas, condenadas e ocupando um lugar á margem perante a sociedade.

1.2. A vida em comunidade: Cultura

O negro no Estado rio- grandense foi uma das etnias que também contribuíram para a formação da identidade gaúcha. Porém, a falta de (re) conhecimento pela sociedade sulina, causa uma ocultação dessa contribuição e um apagamento histórico cultural da população negra no Estado. Por um lado há uma valorização cultural de um grupo dominante e por outro um grupo que busca pela sua identidade negra e gaúcha.

A população branca rio-grandense mantém a formação da sua identidade, porém os afros- gaúchos não têm acesso a sua cultura e passam por um processo de desconstrução identitária. Para Hall, […] a identidade é, na verdade relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica e relativamente a outras identidades (nas- afirmação das identidades nacionais) (HALL, p.13)

Os escravizados ao serem retirados de forma compulsória da África em direção ao solo brasileiro, especificamente ao Estado sulino, através dos navios tumbeiros, passaram por momentos importantes, porém dois se destacam: a troca cultural e a quebra identitária, que desconstruiu as origens dos cativos.

Hall (2003) pensa a África como elemento que sobrevive e como meio de sobrevivência na diáspora através da hibridização cultural, na qual os migrantes negros nunca assumem uma posição cabal, não possuem uma identidade essencializada, mas marcada por hibridismos diversos.

As identidades culturais, segundo Bhabha (1998) se desenvolvem nos entrelugares gerados na interação entre duas culturas. Nesse processo, não apenas

uma, mas todas as culturas modificam - se e, portanto, todas são híbridas. Para Hall (2003) a identidade carrega consigo tanto traços de unidade essencial quanto da unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, questionando como devemos pensar as identidades inscritas nas relações de poder construídas pela disjuntura.

Segundo Munanga(2019),

> A identidade negra no Brasil de hoje se tornou essa realidade da qual se fala tanto, mas sem definir no fundo o que ela é o que ela consiste. A identidade objetiva apresentada através das características culturais, linguísticas e outras descritas pelos estudiosos muitas vezes é confundida com a identidade subjetiva, que é a maneira como o próprio grupo se define e ou é definido pelos grupos vizinhos.Nem sempre está claro quando se fala de identidade: identidade atribuída pelos estudiosos através de critérios objetivos, identidade como categoria de autodefinição ou auto atribuição do próprio grupo, identidade atribuída ao grupo pelo grupo vizinho? Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre "nós" e "outros", não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados. (MUNANGA, 2019, p. 11).

Conforme Munanga (1999), a situação do negro é aquela de refém de um sonho de embranquecimento, de um desejo de fazer aquele "passing" em direção à cultura branca. Nas palavras do autor, o negro teve sua identidade (referindo-se as suas raízes africanas) impedida de se manifestar, em razão da exposição à cultura europeia e a falta de manutenção e preservação da cultura- afro.

O Estado que se orgulha de seus imigrantes de origem europeia, e para muitas pessoas não ter tido significativamente a mão- de- obra negra escravizada, como em outras províncias, possui como figura central de sua lenda mais popular, a fábula conhecida como "O negrinho do pastoreiro", como o título já diz um menino negro. A fábula foi escrita por Simões Lopes Neto, descendente do escravista Charqueador João Simões Lopes e proprietário da fazenda da Graça. Além disso, a aparição do Negrinho do Pastoreiro se deve a oração feita pelo Orixá Bará que revela a historiografia de Príncipe Custódio Joaquim de Almeida (1828-1932) e a criação do assentamento do Bará no Mercado Público de Porto Alegre.

O orixá Bará também mostra as chaves que revelam a herança do Príncipe e as riquezas afro- gaúchas, por exemplo, a cultura, a ancestralidade, a resistência, a música e o batuque. A lenda do Sul *Negrinho do Pastoreiro* também foi escrita pelo folclorista Apolinário Porto (1844-1904) sendo muito conhecida com diversas versões, inclusive animada e ilustrativa. De origem africana e cristã, faz parte do folclore brasileiro conhecida no Estado sulino, e em muitas vezes é representada nas danças

gaúchas nos Centros de Tradições Gaúchas, (CTGs) que divulga o folclore e as tradições gaúchas. Na dissertação intitulada "*Um culto Gaúcho: A lenda do Negrinho do Pastoreio da literatura a internet"* Fernanda Perotoni diz que:

> A lenda do Negrinho do Pastoreio, descrita pelas letras de Simões, veio àtona em uma época, que para os abolicionistas vinha fazer uma ligação direta aos povos africanos, devido ao período em que sucedeu a escravidão no Brasil. Ela representava um brado de alerta à judiaçãoe à liberdad emais que tardia dos negros escravizados pelos brancos que se diziam civilizados. A lenda do Negrinho do Pastoreio hoje em dia é declamada, cantada, trovada, interpretada, contada e recontada por todo o sul do país: em peças teatrais, letras de música, filme, medalhas de condecoração, em logotipos como o da Caixa Econômica Estadual e até mesmo,nas e de do Governo do Estado,o salão nobre leva o seu nome e, principalmente, proporcionada através do meio virtual em suas inúmeras reinterpretações e apresentações. (PEROTONI, 2011. p.14).

No município de Nova Petrópolis, cidade de origem germânica localizada no nordeste do Rio Grande do Sul, o canto germânico tem um grande valor cultural, um exemplo, é o fato de parte de sua cultura ser mantida através de músicas alemãs exaltadas na praça da cidade escutada pelos turistas, visitantes e moradores. Na praça, continha uma caixa de som enorme, que em todo momento em que estava presente, tocava somente músicas alemãs, além disso, a manutenção arquitetônica dos prédios e residências da cidade referente à colonização alemã é explícita como ocorre em outras cidades, do estado do RS.

Acredita-se que o legado cultural desse município é transmitido de geração em geração. Entretanto, isso não ocorre entre os afros- gaúchos, que foram apagados da história do Rio Grande do Sul. A ausência de dados oficiais mantém a invisibilidade da população afro- gaúcha resultando na incultura desse povo que serviu e serve para enriquecer a maioria da população branca no Estado. Ao pensar em elementos da cultura afro- gaúcha, elucido , inicialmente os clubes socias negros.

> Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio. (OLIVEIRA SILVEIRA apud ESCOBAR, 2010, p. 61).

Um espaço de resistência que sofreu degradações por falta de manutenção. Em sua narrativa, minha mãe (*in memorian)* ressaltou os clubes sociais negros que frequentava na adolescência, pois muitos desses clubes permitiam a entrada de pessoas brancas intitulados clubes mistos. De um lado ficava os brancos e de outro as pessoas negras. Esses clubes eram localizados no município de São José do

Norte-RS que fica no lado norte da cidade de Rio Grande-RS a aproximadamente 370 quilômetros de Porto Alegre, capital do Estado.

Os Clubes Sociais Negros existiram em todo o Estado gaúcho, muitos deles ainda se encontram ativados, porém outros estão em desuso precisando de manutenção predial e se mantendo na memória de cada ex- usuário.

O surgimento do Clube Floresta Aurora baseou- se na necessidade de espaços de liberdade para a comunidade negra- gaúcha, pois muitos negros não podiam adentrarem outros clubes pelo fato de serem negros independentes e/ou de serem negros escravizados. Alguns clubes tanto do Brasil quanto das Américas protestavam em relação à ideia de raça restringindo a entrada de sujeitos não negros. Em relação aos conceitos de raça e etnia Lourenço Cardoso (2008) explana em sua dissertação, *intitulada "O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (período de (1957- 2007)"* que,

> O termo raça aparece pela primeira vez no século XVI será utilizado como base de doutrina científica, em uma interpretação da história como luta natural das raças no século XIX (Arendt, 2006: 208-216; Wieviorka, 2002: 460-461). A etnia aparece pela primeira vez no século XVIII (Sollors, 2002: 97-104), contudo, embora normalmente ela seja empregadas e parada do termo raça,ambas começarão a ser empregadas como nome composto no século XX por causa das especificidades inerentes a cada um desses conceitos. (Lourenço, 2008,p. 37)

A Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora foi fundada em 1872, sendo o clube mais antigo em funcionamento do Brasil, sua fundação foi um ano após a Lei do Ventre Livre. A Lei do ventre Livre foi aprovada no ano de 1871 no dia 28 de setembro e sua finalidade era declarar livre os filhos de mulheres escravizadas que nacessem a partir daquela data.O espaço Sociedade Floresta Aurora inicialmente residia no centro da cidade. Entretanto, com o passar dos anos a sociedade foi se deslocando para espaços longe da parte central da cidade. Atualmente se encontra localizada no bairro Belém Velho. O clube pioneiro foi criado por um grupo de amigos que tinham a finalidade de compartilhar músicas autorais com seus iguais. Além disso, seu principal objetivo, era a compra de alforrias.

No Estado, havia muitas sociedades no final do século XIX e inicio do século XX. Essas sociedades tinham um papel extremamente importante nas organizações negras ao se inserirem nos movimentos sociais. Vários desses clubes surgiram em formato de cordões carnavalescos nas cidades do Rio Grande do Sul,especificamente em Pelotas, Rio Grande e Bagé.

Os clubes sociais negros promoviam bailes e festas em espaços que visavam à segurança das pessoas negras e libertas, além disso, diferentes serviços também eram prestados, como por exemplo: bibliotecas, aulas noturnas, espaços de

conferências que estimulavam a educação, teatros, músicas, esportes, artes, qualificação profissional e intelectual. Um espaço que continha o que deveria ser gestado pelo Estado, cidadania construído por pessoas negras e para pessoas negras. Através do seu site e das suas redes sociais a sociedade supracitada realiza e divulga eventos, com isso preserva a memória coletiva e sociocultural. Os clubes sociais negros eram espaços de resistência e memória preta que fortaleciam a autoestima e o associativismo negro que era o eixo condutor das atividades presente dentro desses clubes sociais negros.

O associativismo negro contribuiu para formação da identidade étnica e social através de associações políticas e irmandades criadas no período escravista e na pós- abolição, originando os clubes sociais negros. Seu surgimento foi baseado no racismo e na exclusão, uma forma de resistência do povo preto.

Os negros cativos e/ou livres precisavam de espaços acolhedores e seguros agenciados por pessoas negras, voltados para discussão do lugar do negro na sociedade e da cidadania negra.A força do coletivo negro nesse espaço, fez com que negros reivindicasse e denunciasse o preconceito sofrido, uma rede de apoio que conseguiu muitos avanços passando a ocupar lugares que eram negados e conscientizando a população afro de ações do homem branco. A educação dos negros e dos pobres também era debatido neste movimento coletivo apesar da proibição da matrícula para escravizados em escolas públicas.

A cultura negra e o folclore africano incorporado pelos cativos foram elementos que influenciaram o carnaval brasileiro contribuindo com os diferentes gêneros musicais relacionados à folia, como o axé,o samba e o samba- enredo, dentre outros. Além do mais, os negros também produziam temáticas referentes à cultura afro através de sambas- enredo,cordões, blocos e escolas de samba.

O carnaval atualmente é produzido em sua maioria por pessoas não negras, entretanto a massiva comunidade negra se encontra nos bastidores, no trabalho braçal e manual na cena carnavalesca. As escolas de samba ao elucidarem a cultura afro, a religiosidade de matriz africana e a identidade negra têm sofrido com ataques discriminatórios, proibição de temáticas que abordem a religião de matriz africana, além de penalidades.

Mesmo com tudo isso, o ano de 2026 vai trazer para a Sapucaí no Rio de Janeiro-RJ através da Escola de samba Portela a historiografia da religião de matriz africana no Estado Sulino com o samba enredo intitulado *O Mistério do Príncipe do Bará a oração do negrinho e a ressurreição de sua coroa sob o céu aberto do Rio Grande*. Para os afros- gaúchos independentes e adeptos da religião afro- gaúcha é um reconhecimento da cultura e da presença negra no Estado através do carnaval.

Em relação a cultura negra também elucido a capoeira, prática proibida antes de 1920, atualmente é considerada uma luta dançante que apresenta herança africana nos elementos musicais, por exemplo, o tambor e o berimbau. Muita ginga, roda e letras de pontos cantadas. A capoeira surgiu no período da escravização com a finalidade de defesa pessoal e de ferramenta para as fugas, na verdade era uma resposta a violência sofrida pelos escravizados, era resistência.

Além disso, a prática segue encantando muitos adeptos, pois através de diversos projetos no espaço escolar e/ ou em projetos sociais a capoeira ganha cada vez mais visibilidade.A cultura negra está em todas as instâncias da sociedade gaúcha, assim como na religião de matriz africana, pois constituem as marcas identitários de cada grupo social compartilhado pelas tradições.O conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político- ideológicos e raciais (MUNANGA, 1988, p. 143-146)

O termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vitima das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negado a existência dessas culturas. (MUNANGA, 1988, p. 7) Kabengele Munanga (2009), refletindo sobre o conceito de negritude, afirma que: (...) a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negro. (...) a *negritude* faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade (MUNANGA, 2009, p. 19, grifos do autor)

No campo religioso, a religião de matriz africana sofreu adaptações em solo brasileiro, pois elementos culturais africanos misturados com diferentes etnias em diáspora contribuíram na religião afro- brasileira e consequentemente na religião sul - rio-grandense, batuque. Os escravizados foram forçados a adotar a fé cristã católica e assim anulavam a sua religião e a sua cultura.Com base nisso, associavam os nomes dos orixás aos santos católicos, um exemplo, o orixá ogum que foi sincretizado São Jorge, práticas sincréticas que cultuavam as divindades africanas.

1.3.Religião de matriz africana no Rio Grande do Sul- História e pré-conceitos

A religiosidade afro-brasileira se constitui de forma distinta em cada região do país, como o Candomblé na Bahia, o Tambor de Mina em São Luiz do Maranhão, o Xangô em Recife, a Macumba no Rio de Janeiro e o Batuque no Rio Grande do Sul (BASTIDE, 2001). A religião de matriz africana é uma forma de resistência que parte da cultura dos povos em diáspora. Ela que passou por um processo de transformação em terras brasileiras é ancorada na ancestralidade e na oralidade que são elementos fundamentais para a religiosidade do povo de matriz africana. Além de apresentar modalidades regionais com variações tanto litúrgicas quanto estruturais e linguísticas.São práticas ritualísticas em busca da memória ancestral africana e do sagrado.

Segundo algumas pesquisas a Nação e o Batuque se desenvolveram no ano de 1833-1895 na cidade de Rio Grande e posteriormente na cidade de Pelotas,ambas no Estado sulino. Porém, há pesquisas que afirmam que o inicio do Batuque no Estado foi entre 1833-1860. Acredita-se que o maior divulgador do Batuque tenha sido o príncipe Custódio de Almeida (1828 - 1923) da nação Jeje (ORO, 2002; CORREA, 2006).

De acordo com Leistner (2014), mais tarde o Batuque teria surgido na cidade de Porto Alegre- RS, devido ao declínio das produções de charque e o crescente aumento de mão de obra nos centros urbanos, até, 1884 quando os escravos gaúchos foram livres através das cartas de alforria, no entanto, os senhores tentaram prolongar a prestação de serviços através da exploração (MAESTRI, 1993, p. 29).

Segundo Oro, Batuque é um termo genérico aplicado aos ritmos produzidos à base da percussão por frequentadores de cultos cujos elementos mitológicos, axiológicos, linguísticos e ritualísticos são de origem africana.

O berço do batuque, na cidade de Rio Grande, de acordo com o mapeamento das casas de religião de matriz africana no Rio Grande do Sul módulo dois, realizado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional) do ano de 2024, foi mapeada diversas casas de terreiras, que cultuam e preservam diferentes nações. Algumas ainda mantêm os cultos religiosos conforme seus saberes ancestrais, defendendo a tradição e a identidade do terreiro.

No Batuque, são cultuados doze orixás e cinco tradições chamadas de lados de/ do santo, que são *Oió, Ijexá, Jejê*, *Cambinda* e *Nagô*. Contudo existem templos que adotam dois lados, ou seja,*Jejê/Ijexá, Jeje/Oió* (CORRÊA, 2009). A pesquisa acerca do batuque foi com base em dados levantados em duas cidades gaúchas que foram fundadoras dos primeiros terreiros, segundo a pesquisa feita pelo historiador

Marco AntônioLírio de Mello nos jornais das duas cidades no século XIX. A cidade de Rio Grande- RS, é considerada o berço do batuque e local que resido, por isso à pesquisa de campo foi realizada em várias casas de religião da cidade mencionada, já na cidade de Pelotas- RS aprimorei as discussões acerca da religião de matriz africana,em razão da cultura e da tradição de matriz africana ser patrimônio imaterial. Segundo, Silveira

> Outra forma muito comum no Rio Grande do Sul de chamar este espaço, como já dissemos antes, é "casa de religião". Este termo talvez esteja alicerçado na compreensão de que é um lugar onde se pratica a parte religiosa da comunidade, ou seja, os ritos específicose internos.(SILVEIRA, 2019, p.50)

Para Pedro Ari Oro: "Tudo indica que os primeiros terreiros de Batuque começaram a funcionar na região de Rio Grande e Pelotas." (ORO, 2010, p. 126), As observações que realizei em casas de terreiras na cidade de Rio Grande- RS serviram de baliza para pesquisa, inclusive, no Templo Africano D' Oxum Brilham. Nessas visitas, foram surgindo vários convites para eventos, cerimônias e práticas religiosas. Além de diálogos presenciais, saberes ancestrais, reflexões, participações em momentos ritualísticos e na assistência das terreiras de batuques. Para Silveira,

> Terreira é um termo genérico para as comunidades da tradição de matriz africana no Rio Grande do Sul, mas devido à influência da literatura sobre o candombléotermo"terreiro"tambémtem sidoempregado. ParaJuanaElbein dos Santos, o terreiro é um espaço de propagação de valores civilizatórios africanos, são verdadeiras "mini Áfricas"(...) (SILVEIRA, 2019,p. 58)

Na cidade de Rio Grande há diversas casas de religião de matriz africana em destaque para o Templo mais antigo da cidade com 50 anos de fundação, o Templo Africano D' Oxum Brilham que foi homenageado pela Câmara Municipal da cidade no ano de 2023 localizado no bairro Navegantes e liderado pelo Babalorixá Pai Pedro de Oxum. Em um discurso emocionado ele relembrou das dificuldades sofridas para realizar a construção da sua primeira casa de Terreiro. Na homenagem, familiares, simpatizantes, filhos de santos, autoridades locais e religiosas estiveram presentes.

O Babalorixá Pai Pedro de Oxum líder espiritual do Templo Africano D' Oxum Brilham é referência na cidade em relação á religiosidade afro- gaúcha, com vários diplomas e certificados referentes à religião expostos em seu templo,um exemplo,é o quadro da Lei que oficializa o dia 8 de dezembro dia da procissão da Orixá oxum na cidade de Rio Grande- RS reconhecido pela Prefeitura Municipal. Neste dia, ocorre à procissão e uma missa ao lado do Mercado Municipal da cidade, local de grande importância para a religião de matriz africana, pois é considerada a casa do orixá Bará, símbolo dos caminhos e da fartura, guardião da encruzilhada e dos movimentos da vida. Além disso, o Templo Africano D' Oxum Brilham possui o Recanto dos Orixás[12] localizado no Banhado Silveira, Povo Novo e o Kantuá[13], acoplado no templo.

O recanto dos Orixás é um espaço energizado e sagrado que contém muitas imagens de Orixás, um lugar que permite entender a origem e evolução das práticas ancestrais, fortalecendo o resgate histórico e a conexão com os antepassados. O local também possui cabanas para hospedagem, piscina, churrasqueiras, é um ótimo espaço para desfrutar com a sua família,amigos,simpatizantes e religiosos.Ao visitar o recanto o simpatizante ou religioso pode levar a sua oferenda aos Orixás e assim professar sua fé. A casa de terreiro do Pai Pedro de Oxum é um espaço de acolhimento, de coletividade e de aquilombamento. Os terreiros constituem- se como focos de resistência cultural negra, mas também funcionam como pólos de difusão de informações e troca de saberes, que muitas vezes não são reconhecidos pela classe dominante (SODRÉ, 1988).

Como pesquisadora negra- gaúcha e sendo a religião de matriz africana originária dos povos em diáspora, fui questionada pela falta de conhecimento acerca desta religião que representa o povo afro- brasileiro e afro- gaúcho, porém desde pequena fui à religião católica incentivada pelos meus pais, já na fase da adolescência migramos para o Kardec e na fase adulta para religião de matriz africana, mas sem entender o processo religioso.

Ao participar de algumas práticas do sagrado tive a oportunidade de conhecer um pouco acerca da religião de matriz africana, batuque, e o quanto ela fortalece a identidade negra e/ ou batuqueira, além de preservar a cultura-afro e impedir o apagamento das tradições.O fato de registrar em um caderno parte de minha pesquisa de campo, foi fundamental para entender a resistência do batuque contra a opressão e a marginalização da cultura negra e assim fortalecer a consciência política, pois o aprendizado combate estereótipos e desmistifica preconceitos sobre nossa fé. Oro (2010) afirma que “(...) o Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros em que as religiões afro-brasileiras detêm maior longevidade, maiores números de terreiros e maiores números de indivíduos que, em termos proporcionais, se declaram pertencentes a essas religiões.” (ORO, 2010, p. 123)

> Quanto ao mito fundador do Batuque, há duas versões correntes: uma que afirma ter sido ele trazido para o Rio Grande do Sul por uma escravavinda de Pernambuco, e outra que não associa a um personagem, mas às etnias africanas que o estruturam enquanto espaço de resistência simbólica. (ORO, 2010, p. 126)

[12]“adivindadequehabitanacabeça”.
[13]Cura e nome das casas de candomblé na Bahia.

Norton afirma: “Ser batuqueiro,mais do que simplesmente praticar uma religião (...) significa revestir-se de uma identidade que compreende e expressa um etos, uma filosofia e um modo de vida específicos, que se refletem na vivência do cotidiano.” (CORRÊA, 2016, p. 69).

O estudo sobre os Orixás e suas simbologias são legados ancestrais que carregam sabedoria, resistência e identidade. Estudar seus fundamentos é um compromisso com a preservação da tradição de matriz africana que atravessou séculos,mantendo vivas as vozes dos ancestrais.Ao dialogar com integrantes da religião de matriz africana nos templos visitados, surgiram dúvidas, curiosidades, inquietações de termos referentes à religião de matriz africana. “Em Porto Alegre, as religiões de origem africana são conhecidas pelos seus participantes por um nome comum: a Religião” (PÓLVORA, 1996, p. 164)

De acordo com Silveira,

> (...) originalmente os termos mais utilizados para autodefinição de vivência numa tradição de matriz africana no Rio Grande do Sul erão “de religião”. Em conversas ouvíamos: “sou de religião”, “ela é de religião”, “minha família é toda de religião”, etc. Estas expressões remetem ao pertencimento ao Batuque (...) (SILVEIRA, 2019, p. 85)

E acrescenta:

> O pensamento ocidental a respeito da cultura e fé africanas transpostas às Américas e mantidas nos terreiros inicialmente é que se tratava de folclore, superstição, seita e, mais recentemente, religião. A academia ocidental também seguiu essa mesma lógica. Com isso surge o termo acadêmico Religiões AfroBrasileiras para definir o conjunto de expressões religiosas que se estruturaram no território brasileiro, (...)(...) Surge então o termo afro-religioso, em parte devido ao amplo uso do termo “religiões afro-brasileiras” pela Antropologia.Entendemos que religiões afro-brasileiras são muitas. É toda e qualquer que tenha ao menos algum elemento de origem africana em sua composição. Nestequesitoentra, além doCandomblé, Batuque, TambordeMinaeoNagô do Recife, também a Umbanda, Quimbanda, Babaçuê, Catimbó, Barquinha, Jurema, Encantaria e muitas outras expressões amalgamadas de religiosidade.(SILVEIRA, 2019,p. 93)

Nos terreiros visitados surgiu também a expressão africanista referente aos praticantes da religião de matriz africana. Neste quesito, Silveira afirma:

> Em meados dos anos 2000, sobretudo após a divulgação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) que fortalece as identidades africanas no contexto escolar brasileiro, surge no Brasil o termo “africanista” e “africanismo”. Esta é uma apropriação equivocada do termo acadêmico, pois o africanista é aquele que estuda a África, o que inclui o estudo da cultura, da história, da demografia,da política, da economia, das línguas e da religião africanas. Africanismo é a corrente de estudos interdisciplinares que tem como objeto a África. Parece-nos que a partir de 2003 se buscou uma separação do que tem uma origem mais direta africana do que não tem. Assim instituiu-se o termo religiões de matriz africana para tipificar as tradições que se estabeleceram por aqui e que pouco ou nada tem de elementos alienígenas à África. Este termo é muito empregado por antropólogos, sociólogos, juristas e professores de várias áreas.(SILVEIRA, 2019, p. 100)

E segue:

> Em julho de 2013 participamos da Plenária Nacional de Povos de Matriz Africana que preparava para a III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Nessa plenária difundiu-se o termo Tradições de Matriz Africana a partir do lançamento, em janeiro do mesmo ano, do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e ComunidadesTradicionais de Matriz Africana, que conceitua os Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana da seguinte forma: Povos e comunidades tradicionais de matriz africana são definidos como grupos que se organizam a partir de valores civilizatórios e da cosmovisão trazidos para o país por africanos para cá transladados durante o sistema escravista, o que possibilitou um contínuo civilizatório africano no Brasil, constituindo territórios próprios caracterizados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços à comunidade. Neste ínterim ficam incluídos as comunidades remanescentesde quilombos e os quilombos urbanos, bem como os terreiros de Batuque, Candomblé, etc.(SILVEIRA, 2019, p. 102)

No entanto,o professor Jayro Pereira de Jesus

> “defende que o conceito ocidental de religião não consegue exprimir com totalidade a experiência batuqueira, candomblecista e dosdemaisfenômenos de permanência da espiritualidade africana nas Américas. Ele defende o uso do termo “tradições de matriz africana”. Termo esse que surge a partir do conceito de comunidades tradicionais e da ideia de que esses fenômenos são mais complexos que meramente uma religião (que por si só já possui complexidade), ou seja, não se resumem a ritos.” (SILVEIRA, 2019, p. 104)

Silveira conceitua a palavra matriz,

> “Matriz” porque há apenas uma matriz teológica e filosófica. Assim como a própria África, há uma unidade na diversidade de expressões espirituais de origem africananomundoAlgunsestudiosostêm usadoaexpressão“religiões de matrizes africanas”, por entenderem que há uma diversidade africana que precisa ser respeitada. No entanto desprezam a unidade que há nesta diversidade, ou seja, dão mais valor a casca, ao superficial, ao externo, ao estético, que à polpa, à profundidade, ao interno, à essência. (SILVEIRA, 2019, p, 106)

A religiosidade afro- brasileira ou afro rio-grandense conta com duas modalidades a umbanda e o batuque. De acordo com o Babalorixá Hendrix Silveira em sua participação no curso da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) intitulado *Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas*, no qual também participei como ouvinte, a umbanda é o desenvolvimento da espiritualidade da pessoa que traz muitas soluções, seja na saúde sem a necessidade de iniciação simbolizando o lado mais brasileiro, já o batuque tem as exigências do processo iniciático algo herdado da própria tradição africana e seria o lado africano.

Com a expansão das redes sociais a religião de matriz africana, em especial, a religiosidade afro- gaúcha *corpus* desta dissertação ganhou visibilidade e acesso a sua historiografia através do instagram, de coletivos, das lives, de podcasts,de cursos gratuitos e especializações.Neste contexto, a internet virou tambor e a resistência religiosa agora é compartilhada, pois nunca estiveram tão em evidencia as palavras axé e ancestralidade**.**

As redes socias também ajudam no compartilhamento de eventos das casas de terreiros e de festas tradicionais referentes á religião afro- gaúcha, como a festa em homenagem a Iemanjá no município de Rio Grande-RS no Balneário Cassino.

A festa anual ocorre de maneira presencial tradicionalmente no dia 1 de fevereiro, entretanto na época da pandemia de Covid- 19 durante dois anos consecutivos passou a ser realizada no formato *on- line* com base no decreto estipulado pelo Governo do Estado. O decreto proibia aglomerações com mais de dez pessoas em virtude da ampliação do Coronavirus.

No cinema gaúcho, a religiosidade afro- gaúcha também se faz presente, o filme *Concerto Campestre* lançado em 1997 baseado na obra de Luiz Antônio de Assis Brasil que tem como cenário a cidade de Pelotas- RS. Em uma das cenas do filme é elucidado o culto aos orixás na senzala no período noturno local que originou a religião de matriz africana, batuque e o candomblé. O filme mostra os cativos tocando instrumentos, inclusive o tambor e em uma roda circular, os homens vestindo bombachas e as mulheres saias cantando suas rezas em língua Iorubá a linguagem utilizada no batuque.

Ao longo da narrativa o tamboreiro se torna um dos integrantes da orquestra do fazendeiro charqueador. Inicialmente o fazendeiro contesta o maestro acerca da participação do escravizado em sua orquestra. No entanto, o maestro convence o charqueador que devido à falta de integrantes qualificados para dar seguimento na composição da orquestra se torna essencial a participação do tamboreiro. Além do mais, no filme o tambor acaba sendo um dos instrumentos valorizados tanto pela

orquestra como pela religião de matriz africana. Em nenhum momento do filme é abordado momentos ritualísticos.

O documentário longa - metragem *Cavalo de Santo* baseado no livro homônimo da fotógrafa Mirian Fichtner que pesquisou durante 10 anos os terreiros gaúchos foi exibido na cidade de Rio Grande- RS, no Balneário Cassino, na casa de Cultura Francisco Bianchini em 2024. Em uma exibição gratuita, que reuniu adeptos e simpatizantes da religião de matriz africana, batuque. Cavalo de Santo retrata a religiosidade afro- brasileiro no Estado sulino, além de abordar a presença africana e a diversidade das principais linhas de fé cultuadas pela religião afro- gaúcha suas características de acordo com cada religião e as diferenças entre as religiões afro espalhadas pelo país.

Em relação aos momentos ritualísticos na religião de matriz africana, o sacrifício de animais se faz presente, sendo que em nenhum momento a carne dos animais é desperdiçada, pois são consumidas, além de serem utilizadas para o ato ritualístico na religião afro- gaúcha. O sacrifício de animais na religião de matriz africana se estabelece por meio do preparo, da partilha, do cuidado, do ponto e/ ou reza cantada. Um momento ancestral conectado com a comunidade, pois não se faz esse rito de sacrifícios em fundamento e nem a qualquer horário.

Alvo de discussão, o sacrifício dos animais gerou um projeto de Lei em Porto Alegre- RS na Assembléia legislativa no ano de 2015 por uma evangélica. O fato na época gerou protestos com ativistas da causa animal e adeptos da religião afro- rio-grandense. Manifestações e encenações como um despacho humano na frente do Mercado Público, considerada a casa do orixá Bará, com pessoas vestidas de roupas íntimas e um líquido vermelho simulando sangue foram um ato de desrespeito com o sagrado e com os rituais religiosos, exemplo de intolerância religiosa.

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu na época que este ato foi constitucional e que questionava a constitucionalidade da Lei 12.131/2004. A Lei citada que partiu do Rio Grande do Sul, permite o abate de animais sem excessos e crueldade para rituais religiosos da religião de matriz africana.

A intolerância religiosa cada vez mais presente na vida dos religiosos principalmente dos batuqueiros, que muitas vezes são perseguidos, desrespeitados e que sofrem com a impunidade perante a justiça por falta de provas, de investigação mais apurada e leis brandas, acaba que vítimas e casas de terreiros fiquem a mercê de ataques e ameaças. Muitas casas de terreiro na cidade de Rio Grande- RS se mobilizam contra a intolerância religiosa. Enquanto o Templo Africano de Oxum Brilham organizou uma caminhada contra a Intolerância religiosa, a Casa Oxum Taladê, uma casa tradicional dos povos de matriz africana no município, apresenta

anualmente a semana contra a intolerância religiosa que ocorre entre os meses de outubro e novembro.

O eixo condutor das atividades da casa de Terreira Oxum Taladê no ano de 2024 foi o Seminário Contra a Intolerância Religiosa, no qual autoridades religiosas e integrantes da religião de matriz africana elucidaram os direitos do povo do terreiro em meio aos ataques sofridos cotidianamente. Porém, no exato momento que acontecia o Seminário supracitado ocorria mais um caso de intolerância religiosa na cidade de Rio Grande - RS. O caso foi filmado e compartilhado nas redes sociais, entretanto a vítima não registrou boletim de ocorrência. A intolerância religiosa é um tipo de descriminação considerada crime de acordo com a legislação brasileira. O fato de impedir e/ ou perturbar práticas religiosas, cerimônias ou cultos religiosos é considerado passível de pena.

A presença do Bará do Mercado também foi um momento importante da Semana Contra a Intolerância Religiosa, pois no ano de 2019 a cidade de Rio Grande- RS que é considerada o berço da religião de matriz africana foi à primeira no Estado sulino a receber o monumento do Bará do Mercado.

A casa de Oxum Taladê por determinação da justiça foi obrigada a fechar a casa de terreiro devido o ataque de intolerância religiosa, no entanto ao recorrer judicialmente a uma instância maior, na capital dos gaúchos Porto Alegre, a casa conseguiu a reversão do processo no dia 31 de Outubro de 2003 que virou o dia da intolerância religiosa no município.

Em Pelotas- RS a prefeita Paula Mascarenhas inaugurou no dia 08 de janeiro no ano de 2022 na esquina do mercado público, um espaço voltado para eventos das religiões afro- brasileiras e mobilizações. Na placa indicativa, intitulada *Esquina do Axé Casas deTerreiro, espaço sagrado de resistência e das Manifestações Populares* localizado no encontro das ruas Quinze de Novembro e Lobo da Costa no centro da cidade de Pelotas- RS. A imprensa local, os adeptos da religião de matriz africana,em especial, a Amukcab (Associação Municipal de Umbanda, Kimbanda e Cultos Afrobrasileiros) e a Prefeita da cidade destacaram a importância deste ato.

A aprovação do projeto de Lei em Pelotas- RS no ano de 2023 tornou a cultura, a tradição e a religião de matriz africana patrimônio imaterial e posteriormente no ano de 2024 com aprovação de outra Lei que torna a cidade de Pelotas- RS a primeira no Estado a ter um orixá feminino como padroeira oficial, o orixá Oxum, a deusa das águas doces e sincretizada Nossa Senhora da Conceição. Oxum é o orixá padroeira das religiões de matriz africana e afro-umbandistas da cidade de Pelotas- RS ao lado do santo São Francisco de Paula que não possui nenhum vínculo com a religião mencionada. Oxum é o orixá padroeira das religiões de matriz- africana e afro-

umbandistas da cidade mencionada.

O autor do projeto, o vereador Paulo Coitinho em diálogo com o Conselho Municipal do Povo de Terreiro de Pelotas afirma que o projeto “é uma reparação histórica que se faz para o povo das religiões de matriz africana. Segundo ele, o povo afro- gaúcho edificou a cidade através da mão de obra escrava, do seu trabalho nas charqueadas”.

A aprovação desse projeto para a cultura afro- gaúcha, especificamente, na cidade de Pelotas- RS é um reconhecimento e uma valorização da diversidade cultural e religiosa, uma maneira de corrigir as injustiças históricas e a contribuição da religião de matriz- africana contra o racismo religioso e uma vitória para o movimento negro. Racismo religioso quer dizer que existe intolerância religiosa, ódio religioso direcionado as religiões de matriz africana, o alvo principal é a religião de matriz africana.

A data em comemoração ao dia nacional de combate à Intolerância Religiosa remete a força e a resistência das Iyás e babas que lutam incansavelmente porrespeito ao sagrado. Infelizmente o aumento nos casos de violência contra as religiões de matriz africana cada vez aumenta.

No país a data contra a intolerância religiosa é comemorada no dia 21 de janeiro em memória a mãe Gilda de Ogum que morreu em decorrência de um enfarto devido a uma publicação da Folha Universal da Igreja Universal do Reino de Deus no ano de 1999, em que ela aparece em uma foto com trajes de candomblé e oferenda aos seus pés. Na reportagem a folha acusa a mãe de santo de Charlatismo, além disso, seu terreiro foi invadido e suas imagens foram depredadas.

> As ações que dão corpo à intolerância religiosa no Brasil empreendem uma luta contra os saberes de uma ancestralidade negra que vive nos ritos, nafala, nos mitos,na corporalidade e nas artes de sua descendência. São tentativas organizadas e sistematizadas de extinguir uma estrutura mítico-africanamilenar que fala sobre modos de ser, de resistir e de lutar. Quilombo epistemológico que se mantém vivo nas comunidades de terreiro, apesar dos esforçoscentenáriosdeobliteraçãopelacristandade.(NOGUEIRA,2020.p.29)

A intolerância religiosa se tornou uma luta diária que tenta apagar a cultura afro e a preservação das tradições de matriz africana, destruindo comunidades de terreiro em todo o país. O Brasil é um país laico como consta no artigo 5° na Constituição Federal de 1988. Todavia, a imposição a determinadas religiões, muitas vezes em espaços escolares, a falta de informação e os discursos difamatórios referentes à religião afro- brasileira protagonizam atos preconceituosos e destilam ódio,impedindo as pessoas de professar sua fé.

> Tolerância religiosa, intolerância religiosa, liberdade religiosa, ecumenismo, interreligiosidade, liberdade de crença e laicidade são alguns conceitos que

> têm estado presentes no cenário nacional tanto em eventos religiosos quanto em discussões sobre Direitos Humanos e laicidade, além de ações contra a perseguição às religiões de matriz africana. (NOGUEIRA, 2020. p.30)

De acordo com o censo do IBGE do ano de 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de casos de intolerância religiosa no Estado sulino aumentou em 250 % entre 2022 e 2024. Entretanto, o Rio Grande do Sul tem o axé no coração,em razão do aumento de adeptos da religião de matriz africana no Estado de maioria branca. Para o conselho do povo de Terreiro do Estado em entrevista ao Brasil de Fato a estimativa é de que existam 25 mil casas de religião de matriz africana.

Ao visitar uma igreja evangélica na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de dialogar com os evangélicos, além disso, participei de cultos, vigílias e demais eventos evangélicos e observei a ausência de argumentação e a falta de conhecimento filosófico, teológico afrocentrado acerca da religião de matriz africana pelos evangélicos que coloca essa religião na condição de marginal.

Os ataques verbais contra o povo de terreiro do Rio Grande do Sul, em especial, Rio Grande são geralmente ocorridos em falas carregadas de ódio, nas pregações, em orações e tantos outros momentos. Todavia, alguns ataques aos terreiros são bem coordenados destruindo muitos objetos ritualísticos e casas de terreiras, intimidam, invadem, ameaçam muitas vezes com arma na mão, usam a violência com a finalidade de eliminar, apagar, silenciar o campo afro- religioso e a cultura negra.

2. A religião de matriz africana na literatura

2.1.As mulheres no contexto afro-religioso sul- rio-grandense

Os rastros da memória das mulheres pretas, das mulheres batuqueiras e das mulheres ancestrais atravessam o tempo transatlântico afrodiaspórico. Elas que não andam sozinhas e que trazem a ancestralidade através da palavra, pois cada escrita, cantada, falada, desenhada, grafada, sentida é um sinal pulsante que descreve os poderes da matéria e espiritual, a matripotência.As mulheres do terreiro carregam em suas narrativas de fé uma cultura oralizada. Além disso, a arte de cuidar ou do cuidado parece estar presente em nossas trajetórias, seja na senzala, seja na casa grande, seja no terreiro.

As mulheres de axé têm papel fundamental na manutenção do legado ancestral que se mantém preservado pelas comunidades tradicionais de matriz

africana. Suas potências e suas corpas amefricanas mantêm a roda da gira em movimento trançando a memória ancestral no terreiro através de ensinamentos constituídos pela oralidade e pela ancestralidade, além disso, trazem consigo muitos conhecimentos e saberes ancestrais dentro e fora dos terreiros.

O respiro de afeto dessas mulheres, as vidas- experiências e o movimento pela fé ancestral emanada pelo sagrado e pela força feminina funcionam como um fio condutor em suas práticas religiosas. O cuidado por meio do diálogo e a escuta reforça e fortalece os laços e a união dos orixás comos antepassados, assim como o legado das mulheres pretas do batuque e a maternagem, que nutre com sabedoria religando a força vital ancestral na roda da vida. A religião de Matriz Africana (...) ressignificou símbolos e territórios. E a África dentro de cada Terreiro (...) ordenou a liturgia e resiste até hoje seguindo o caminho deixado por nossos Ancestrais." (PIEDADE, 2017, p.35).

Unidas e reunidas, as mulheres de axé resistem e coexistem no espaço dos terreiros, fortalecendo a herança ancestral e a cultura matriarcal africana e afrodiásporica, que trançam o legado e o compromisso ancestral ético e cultural baseado na tradição e no território da comunidade do terreiro.

Os terreiros funcionam como território educacional, de identidade, de saúde, de cultura, de negritude, de aquilombamento e tantos outros territórios. Essas terreiras operam como "(...) espaço de resistência negra restaurada por laços de afeto, família e hierarquia, no qual uma Ialorixá carrega os valores Ancestrais torneados de África" (AKOTIRENE, 2019, p. 84). Ao transitar nos espaços religiosos de matriz africana liderados pela força feminina preta, na cidade de Rio Grande-RS, percebe-se os diversos lugares ocupados pelas mulheres batuqueiras.

Além do mais, em relação às demais religiões a visibilidade feminina é bem mais ampla no campo afro-religioso, pois através da religiosidade muitas mulheres têm descoberto a militância política e assim reivindicam por respeito e pela violação de direitos nas comunidades tradicionais de matriz africana. Quanto à contribuição das mulheres negras para o batuque, Terezinha Juraci Machado da Silva (1998) salienta que, além da manutenção da cultura afro- brasileira e da identidade e unidade familiar, elas foram responsáveis por: "(...) conservar sua cultura de origem como também a de reorganizar a família negra destruída pela escravidão." (SILVA, 1998, p. 103).

As visitas realizadas em três *Ilês*[14]gerenciados por líderes femininas pretas na cidade de Rio Grande- RS serviram de baliza para o diário de campo como também nas incursões da produção de conhecimento desta dissertação. Os três espaços religiosos visitados são direcionados ao social, ao político, à valorização de matriz africana, a resistência e a educação pedagógica, além de partilharem experiências e saberes

ancestral. Ao visitar os *Ilês* gerenciados por mulheres pretas de axé, tive a oportunidade de conhecer algumas tamboreiras que estão ocupando espaços geralmente voltados para os homens, fato abordado na dissertação intitulada*"Batuque de Mulheres": aprontando tamboreiras de nação nas terreiras de Pelotas e Rio Grande,* da pesquisadora Ana Paula Lima Silveira que elucida o aumento significativo das tamboreiras nas terreiras das cidades de Rio Grande e Pelotas, ambas no extremo sul.

Segundo Silveira,

> Outro termo que vem sendo usadofrequentemente,mas de forma muito recente também por influência do candomblé é Ilé (casa) ou Ilé Àṣẹ (casa de Axé), porém
>
> figura mais na nomenclatura dos terreiros do que propriamente como forma corrente de se referenciar o espaço. (SILVEIRA, 2019, P. 120)

A casa de religião, *Reino de Iansã e Cabocla Juremita*(Nação Jejê) localizada na cidade de Rio Grande- RS e conhecida como *Casa de Mãe Neli da Oiá* (*in memorian*) é um espaço muito visitado por estudantes acadêmicos, especificamente do curso de história da Universidade Federal de Rio Grande - FURG. As visitas são voltadas para disciplinas que abordam a cultura afro- brasileira, a historiografia sulina e patrimônio.Mãe Neli de Oiá muito reconhecida na cidade deixou um legado e vários filhos e filhas de santo, um exemplo, o Pai de santo Pedro de Oxum e dirigente do Templo Africano D' Oxum Brilham.

Em diferentes momentos ao visitar as casas de terreiras mencionadas, as mulheres pretas e de axé elucidaram as memórias em narrativas que só podem ser reproduzidas ancoradas no conceito da *oralitura* (MARTINS, 1997). Com elas apreende -se conceitos, memórias em narrativas do presente e do passado, a coletividade e a sabedoria dos terreiros, um conhecimento passado para os filhos de religião. A "oralitura" de Leda Martins (2001), constituída do arranjo entre a oralidade transmitida por saberes ancestrais do pensamento africano e afrodiaspórico e a"litura" da escrita do corpo que tentaram apagar. A oralidade e a ancestralidade mantidas na tradição religiosa tecem redes, pois mantêm fontes tradicionais e rituais, além de serem elementos essenciais nas casas de religião de matriz africana sejam dirigidos por babas ou ias.

[14]"casa",segundoJosé Beniste(2011,p.372).

A figura de mãe de OtilíaD' de Ogum marca a resistência negra e o movimento político das mulheres negras e de axé, além disso, é uma das mais importantes líderes espirituais na cidade de Rio Grande- RS que presenteou os adeptos e simpatizantes da religião de matriz africana com uma *live* na rede social *Facebook* no dia 30 de abril de 2021 em comemoração aos 60 anos de religião.

Na ocasião, a Yalorixá rememorou sua trajetória na religião rio- grandense trazendo ao público relatos do seu processo iniciático e as muitas barreiras encontradas nesta jornada. Um legado ancestral compartilhado que merece muito respeito, uma vez que a cultura afro-brasileira continua ancorada na oralidade, passada pelos os ancestrais e pelos os mais velhos muitas vezes registrados em cadernos, diários, e outras escritas como uma maneira de não esquecer seus ensinamento e conhecimentos.

As mulheres de axé, líderes religiosas são símbolo de resistência, carregadas com um legado de coragem e com heranças deixadas pelas ancestrais escravizadas. Ademais, a ancestralidade perpetua- se pela coletividade na cultura e na tradição de matriz africana conectando vidas e promovendo pertencimento.

Os cultos aos nossos ancestrais, seja chefiado por líderes femininos ou/ e masculinos, são lotados de mulheres de axé. Elas que são vistas em posição de destaque na religião de matriz africana, são também consideradas pilares que ocupam diferentes posições hierárquicas. Ao citar a religião de matriz africana não se pode esquecer que em outras regiões existem outras nomenclaturas dos fundamentos religiosos, nesse caso, a pesquisa é em especial, o batuque.

As mulheres de axé estão na cozinha, na roda, no tambor, na liderança, na função de benzedeiras, ocupando diferentes posições. As benzedeiras, por exemplo, herdeiras de rezas, função atualmente restrita, eram muito procuradas antigamente, para tratar mau-olhado, quebranto, espinhela caída, dores estomacais e outros males que atinge o corpo e alma. Também conhecidas como curandeiros, as benzedeiras têm o ofício do cuidado e da cura, ancorada no saber e no poder ancestral.Benzer é fazer a cruz, tomar bento ou santo, sendo que com esse símbolo na maioria das vezes é que se inicia o benzimento. O benzimento é uma prática muito antiga, utilizado pelas pessoas desde a Idade Média, na Europa. No Brasil, as benzedeiras surgiram a partir do século XVII.

Em algumas residências, na cidade de Rio Grande- RS, as benzedeiras ofereciam seus trabalhos, rezas, divulgadas por placas expostos em suas casas, fato comum na época.Uma prática milenar e religiosa, em grande maioria feminina, porém

também realizada por homens. Nessas residências,nem todas as benzedeiras tinham casas de religião, mas executavam o benzimento, sem cobrar valores, geralmente pediam apenas velas para benzer. Ademais, plantas e outros elementos também eram utilizados no ofício do benzimento, porém o elemento mais popular é o ramo.

O benzimento é um ato que passa de geração a geração,das avós,das mães e geralmente pessoas com pouca escolaridade e baixa renda é que executam de forma oral o ato de benzer. Elda Rizzo de Oliveira afirma que a benzedura (1985, p.460) “apresenta como uma estratégia social e política que as pessoas utilizam na sua vida cotidiana.” A benzedura, substituto do médico, na época do Brasil colônia, uma vez que os serviços médicos eram restrito ás populações menos desfavorecidas, propiciava conforto físico, mental e espiritual.

Para muitas pessoas essa prática de benzimento, ainda, substitui o contato com os médicos, mesmo com o avanço da medicina, pois a tradição das benzeduras ainda persiste na sociedade moderna, no entanto em comunidades mais afastadas do centro. Como em muitos casos, a ciência não consegue uma resposta para algumas enfermidades, o benzimento na religião afro é vista como uma prática terapêutica em busca da cura.

Os problemas de saúde nas religiões afro- brasileiras é um fato muito relatado e discutido, levando pessoas a procura da promoção da saúde ou como último recurso, dentro dos terreiros.Claro que se a pessoa é iniciada, primeiramente a busca pelo desequilíbrio físico e mental será na casa de religião visando os procedimentos rituais e terapêuticos que envolvem cuidado, carinho e o reforço do espiritual, a energia vital.

O ofício de benzer sofre com perseguições e demonizações, em razão da falta de conhecimento e de reconhecimento da prática que confronta a medicina científica, levando muitas benzedeiras à invisibilidade e ao silenciando dessas práticas, que se encontram cada vez menos presentes.

Com a expansão da Internet, das redes sociais e da tecnologia, surgiram vários cursos e dicas de benzimento, sendo que, minha mãe, (*in memorian)* enquanto umbandista participou de um curso de benzimento. E quando algum familiar precisava, benzia até mesmo á distância.Entretanto,uma prática religiosa de tradição ancestral baseado na memória, sendo vendida como mercadoria de troca.

As mulheres nos terreiros são muitas e a coletividade e o acolhimento remete a historiografia dessas mulheres tanto que elas rodam as suas experiências dentro da roda ancestral que organiza a vida e o terreiro, um lugar dialógico, de aquilombamento. Machado (2013, p.41) considera que o “espaço do terreiro

compreende um lugar atemporal e possui métodos próprios de apreender e de ensinar

Com base, nas visitas realizadas em três *Ilês* dirigidos pela força feminina na cidade de Rio Grande/ RS, foi possível perceber a diferença matriarcal e o ato de partilhar experiências coletivas e espirituais, em relação aos Templos gerenciados pelos homens. As narrativas que foram sendo evocadas ao diário de campo enfatizaram a potência das mulheres pretas e batuqueiras da cidade.

O ato de pesquisar fez movimentar algumas lacunas e assim navegar em águas novas, mas sem ignorar as já passadas. As casas de terreiras lideradas pelas mulheres pretas e de axé continham poucos integrantes, eram um espaço mais familiar, pequeno e restrito, não aberta ao grande público, em relação ao Templo Africano D'Oxum Brilham, casa essa dirigida pelo Pai de Santo Pedro de Oxum, também localizado na cidade que apresenta um tamanho bem maior.

As terreiras seguem ancoradas na tradição oral e nos seus ancestrais, porém algumas passam por adaptações e renovações que tecem redes que sustentam fontes tradicionais e os fundamentos religiosos. Em cada espaço religioso percebemos a gestação de potências femininas no útero mítico - ancestral e o levante das mulheres pretas nas comunidades, se movimentando e deslocando as mulheres batuqueiras do lugar de violência coletivo e histórico.

O protagonismo feminino negro nas casas de religiões visitadas apresenta um regime matriarcal baseado na memória cultural e espiritual. A força feminina funciona como combustível na luta coletiva negra que potencializa as comunidades de terreiros.

Através da liderança feminina a comunidade preta tenta gerenciar sua cultura.A potencialidade e a resistência feminina também se encontram presente na religiosidade, pois é um traço cultural. As mulheres pretas de axé são fortes, guerreiras que preservam e perpetuam o que foi ensinado pelos os mais velhos, educam seus filhos de santo com carinho, amor e respeito. Essas batuqueiras acolhem com afeto e cuidado cada pessoa, muitas delas iniciadas por suas mãos, porém para serem mulheres ou homens de axé, é preciso garra, força e resistência.

2.2.A religiosidade de matriz africana na literatura feminina sul rio- grandense

Segundo Duarte, a obra *O feiticeiro (1992),* de autoria de Xavier Marques apresenta os cultos aos Orixás como feitiçaria, uma crítica à religiosidade de matriz africana também abordada na obra *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade em que a macumba é voltada para feitiçaria e para o mal. A peça *Sortilégio*, criada pelo Teatro

Experimental do Negro - TEN foi ousada ao produzir um terreiro como cenário, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Sua estréia foi no ano de 1944 na cidade citada e dirigido pelo intelectual Abdias Nascimento (1978). Os principais objetivos do TEN era "combater o racismo através de instrumentos jurídicos, a democratização do sistema político, e abertura do mercado de trabalho, o acesso dos negros à educação, e a elaboração das leis anti- racistas" (Gonçalves e Silva, 2000: 147-148).

Para o historiador Guilhermino César (1908-1993) a representação do negro na literatura sul rio- grandense foi insignificante, sendo impossível verificar a presença negra, enquanto a mulher negra e escrava "mulata" era erotizada, sendo desejada sexualmente. Na literatura canônica as representações acerca da mulata são facilmente encontradas, um exemplo disso, é a obra de Jorge Amado (1912- 2001) *Gabriela, cravo e canela* (1958) em que o corpo permissivo não pertence a ela, sendo abordado de forma extremamente sexualizado. Isso também ocorre na televisão, pois baseado no romance citado, foi produzida a novela " Gabriela, Cravo e Canela" com duas adaptações, a versão de 1975, no qual Gabriela era protagonizada pela atriz Sônia Braga e o *remake* no ano de 2012, protagonizado pela atriz Juliana Paes, ambas versões abordam a sexualidade de Gabriela.

O termo "mulata(o)" é considerado racista, pois compara os filhos de negros com brancos brasileiros com mulas, animal adivindo da cruza entre cavalos com burros. O termo foi construído no período colonial e, ainda, continua sendo utilizado, um exemplo, foi a entrevista realizada pelo Rapper e compositor Mano Brown, no *podcast "* Mano a Mano" ao entrevistar a atriz negra Camila Pitanga o compositor se refereiu a ela usando o termo mulata. A atriz corrigiu Mano Brown dizendo que era uma mulher negra. O fato gerou polêmica, principalmente nas redes sociais que criticaram o rapper pela falta de conhecimento do termo. A repercussão foi tão negativa que Mano Brown fez um pedido formal de desculpas a atriz e ao seu pai o ator Antônio Pitanga.

Para Gonzalez :

> A profissão de mulata é exercida por jovens negra que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do "rebolado", para o deleite do voyerismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. (GONZALEZ, 2020, p. 59).

Essa realidade, aliada a falta de representatividade feminina negra, culmina na

afirmação de Jurema Werneck (2010) de que as mulheres negras não existem. “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostitua” (GONZALEZ, 1984, p.226).

Segundo Fischer, (2004), que utiliza a nomenclatura literatura gaúcha, o negro nesse espaço literário foi silenciado, pois os homens e mulheres afro- gaúchos, ainda, não eram vistos como autores. Entretanto,no ano de 1962 com a publicação do livro de poesias intitulado *Germinou* de autoria do poeta afro- gaúcho Oliveira Silveira (1941-2009) é que ocorreu a legitimação de autores negros no Estado sulino.

Silveira explorou em seus poemas o cotidiano do povo afro- gaúcho e a ligação com a religião de matriz africana, batuque, além de enegrecer a história da literatura sulina e o campo da crítica literária reconstruindo a identidade afro- gaúcha ancorada na religião de matriz africana.Na formação da Literatura Brasileira, os negros foram desumanizados, silenciados, submissos e esteriotipado como vítima, um exemplo é o poema de Castro Alves “O navio negreiro”. Segundo Proença Filho (2004) quando o poema foi produzido o negro era visto como coisa. A obra foi uma das primeiras representações literárias do povo preto nos porões dos navios negreiros, um horror experenciado por esse povo que testemunhou a humilhação e a morte.

Em relação às poetisas afro- gaúchas contemporâneas, o silenciamento e o apagamento são evidentes nas páginas da história da literatura, pois interfere no alcance das obras por elas produzidas, visto que suas produções não circulam como as destacadas no cânone. É sabido também da dificuldade e das barreiras encontradas nas publicação de autores negros e negras contemporâneas de maneira independente e, consequentemente a ocupação de suas obras em lugares privilegiados como: bibliotecas universitárias e livrarias prestigiadas. Segundo Reis(1992) “ a instituição mais empenhada nesta tarefa é a universidade (onde se ensina a ler as “grandes obras”, chancelando, desta maneira, o cânon literário), que se presta a reproduzir a estratificada estruturação social”) (REIS,1992, p.72).

Neste contexto, destaco a importância do grupo Quilombhoje fundado na cidade de São Paulo.O grupo publica antologias de contos e de poemas voltados para autores negros. Seu surgimento foi no ano de 1978 com o lançamento do seu primeiro volume Cadernos Negros.

Ao abordar a literatura feminina direciona- se para a literatura afro- feminina e/ou literatura negrofeminina pelos os instrumentos que fazem pensar nessa escrita que apresenta em suas narrativas um caráter documental e um alto teor testemunhal.

Ao pensar na escrita das mulheres negras no campo literário o que se percebe, ainda é o pouco estudo, pesquisa e leitura por parte da sociedade brasileira. Para

Santiago (2012) as três autoras pioneiras negras são : Maria Firmina dos Reis (1825-1917); Carolina Marias de Jesus (1914-1977) e Antonieta de Barros (1901-1952). Maria Firmina dos Reis (1825-1917) foi quem produziu o primeiro romance abolicionista brasileiro *Úrsula* (1859), ela que é uma escritora basilar na literatura brasileira, mas pouco se ouve falar de suas obras, inclusive do romance citado. Além disso, no ano do centenário da sua morte não recebeu muitas homenagens.

As escritoras percursoras da literatura afro- feminina e gaúcha são: Zeli de Oliveira Barbosa, (1941-2017), que surge com a obra *Ilhota:* testemunho de uma vida (1993), tendo sua obra vinculada à Carolina e a autora Maria Helena Vargas Silveira (1940-2009 ou Helena do Sul, como é conhecida. Ela é anterior à Zeli Barbosa e relembrada pela escritora Conceição Evaristo (2011) na antologia crítica organizada pelo prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte.

Em relação ao cânone literário brasileiro, temática muito discutida nas aulas literárias e em diálogos informais, Constância Lima Duarte (1997) afirmava que a presença das mulheres nos cânones era um fato incomum, visto que sua presença na sociedade fora restrito ao espaço doméstico. No cânone oficial há a presença de diversas autoras como, por exemplo, Raquel de Queiroz (1910-2003), Cecília Meireles (1901-1964) e Clarice Linspector (1920-1977), porém a falta de reconhecimento de outras autoras, em especial as autoras negras que não alcaçaram tal consagração, impossibilitam a presença no cânone.

Maria Eunice Moreira (2003, p.94) afirma que: “O cânone se compõe (...) de muitos lugares, de variados espaços (...) que, de tempos em tempos, devem ser revisitados, e que, sobretudo, convidam a lançar uma nova mirada em busca de descobertas”. A construção de um cânone literário feminino ou feminista não é, apenas, apresentar obras escritas por mulheres, mas, pensar nos críterios para construção desse cânone, em extensão da História da Literatura Gáucha e, em especial o da História da Literatura Brasileira que não admite e nem admitirão pensar nas obras de literatura negrofeminina, “marginais” que são delegadas a um espaço subalterno.

Ao pensar na produção das mulheres, desdobro especificamente dois argumentos para deslegitimar suas obras a escrita de si e o gênero diário, visto que o espaço de fala dessas mulheres é o privado, sendo assim não se pode comparar essas escritas com a masculina, pois as mulheres sofrem com o apagamento, uma vez que eram proibidas de frequentarem espaços públicos e quando estavam sempre eram acompanhadas pelos seus pais e maridos, esse fato reflete na produção das mulheres.

Para Lemaire (1994),

> Os universos culturais dos homens e das mulheres desenvolveram-se num patamar de igualdade, mas em duas linhas diversas, cada sexo possuindo seu próprio tipo de saber tradicional, suas próprias formas de lidar com o amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais a até suas próprias formas de dançar e cantar. (LEMAIRE, 1994, p.63)

Desse modo, ao analisar os escritos de autores prestigiados pelo cânone e se compararmos às escritas das autoras da mesma época é fazer um estudo comparatista e mesmo que ambos apresentem similaridade na cultura os valores morais divergem muito. Quando se analisa obras contemporâneas feminina é diferente de quando analisamos e/ ou resgatamos obras esquecidas, pois é preciso pensar acerca do cânone ou as obras canônicas elencadas clássicas que são consideradas melhores.

Ao pensar acerca da memória individual e coletiva presente nas narrativas das autoras afro- gaúcho em especial na antologia Sopapo poético*: pretessência (2016)* é possível perceber que, segundo Primo Levi (2004, p.19): “As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam”.

Segundo Maurice Halbwachs (2006, p.69): “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Ao pensar nas memórias das mulheres negras, percebe -se uma memória despedaçada, fragmentária e traumática. Entretanto, é a partir desses eventos traumáticos que descobrimos a “reserva de forças” (LEVI, 2004) que cada mulher porta dentro de si. “A narrativa de testemunho pode ser compreendida como um escrito dotado, ao mesmo tempo, de um caráter documental e de um traço de ficcionalidade” (ALÓS, 2017, p.85, grifos do autor). Esses testemunhos são fundamentais para compreender o apagamento e consequente invisibilidade dessas mulheres negras na sociedade brasileira.

O termo escrevivência constitui-se como uma codificação bastante especifica para a produção literária afro-feminina. Uma formalização artística da escrita pautada na vivência, notadamente na condição de mulher negra e nas suas histórias ancestrais. Conforme lembra Evaristo é imprescindível e necessário dar “ouvidos” a essas mulheres e suas filhas para uma realização futura. Conceição Evaristo ainda infere que: “Na voz de minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ O eco da vida-liberdade” (EVARISTO, 2017, p.25) e como “fêmea-fênix” se refaz das cinzas.

O eixo condutor das narrativas negrofemininas como já mencionado é pautada na memória/ vivência ,nesse caso, aliado à religião de matriz africana nos poemas da antologia *Sopapo poético : pretessência*(2016) que é a formação cultural do negro no

Estado sulino, pois cada “inscritura” é atravessada pelo corpo de mulheres negras que produzirem e trazem a voz de um coletivo, uma raiz de arvóre ancestral.

A poesia evoca uma potência transformadora possibilitando a vivência da corporeidade ancestral despertando as potencialidades de afeto. Ao compartilhar a religião de matriz africana com a poesia ocorre uma reconexão com a nossa ancestralidade, pois temos a possibilidade de falar sobre vivências, afirmação, negritude e escrevivência.

Conforme Cuti(2010):

> A maneira como os escritores tratarão os temas relativos às vivências dos africanos e de sua descendência no Brasil vai balizar-se pelas ideias vindas da Europa, abordando o encontro entre os povos, sobretudo no que diz respeito à dominação dos europeus desde o início da colonização. A essas ideias somar-se-á a necessidadedesefazer projeçõesparaofuturodo Brasil,um esforço para explicar- se ao mundo como povo. [...] O que eles queriam para o Brasil? Um país de população totalmente branca.Porquê?A maioria desses intelectuais concordava com a ideia de superioridade congênita da chamada raça branca, tese que legitimarapara a sociedade todo o processo escravista no estatuto colonial e a discriminação no pós- abolição (CUTI, 2010, p. 17).

A abordagem do negro no meio acadêmico pela primeira vez foi na década de 1950 em literatura brasileira através do texto crítico *O negro na literatura brasileira* de 1958 da autoria de Raymond Sayers e seguido pelo estudo do professor émerito da Universidade de Bristol no Reino Unido, David Brookshaw no ano de 1983. Com base nisso, penso acerca da dificuldade de aceitação da cultura relacionada ao povo afro,em especial a temática da religião de matriz africana, batuque na literatura. Na antologia Sopapo *poética: pretessência (2016)*, a memória coletiva que também é uma forma de protagonismo ,dialoga com a memória afro- brasileira e a memória afro-gaúcha. Ao possibilitar que narremos nossas próprias histórias e as de outras mulheres negras,essa escrita torna- se um ato político (KILOMBA,2019).

Definimos a literatura afro- feminina como “(...) uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades” (SANTIAGO, 2012, p.155). Conceito cunhado pela professora e pesquisadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Ana Rita Santiago (2012)..

Ao utilizar o conceito de literatura afro- feminina referente às escritoras negras, e a literatura de autoria negra, sabemos da crítica literária existente por parte de diferentes autores acerca das classificações quando envolve literatura escrita por

mãos pretas. Iniciamos com Cuti (Luís Silva [1951-], que intitula Literatura negro-brasileira por ser ancorada na Literatura brasileira, já Ana Rita Santiago(2012) segue a mesma linha de pensamento. No entanto, Cuti questiona acerca da nomenclatura defendida, Literatura afro- brasileira refletindo sobre a possibilidade de retomar pré-conceito racista. Ao refletir acerca disso, Cuti defende a palavra negro e reavalia a historiografia.Para Cuti:

> Demonimar de afro a produção literária negrobrasileira(dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá- la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da Literatura brasileira, atribuindo- lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção do Brasil por seus intelectuais. (CUTI, 2010,p.31)

Na visão do ativista, a nomenclatura afro- brasileira retoma pré- conceitos racistas como as origens coloniais da autoria colocando- a como margem. A literatura negrobrasileira, segundo Cuti, parte da autoria de homens e mulheres, que se identificam negros no momento da escrita e das publicações, pois Cuti defende que escrever e serem lidos são atos de poder. Além disso, o ativista também defende o uso da palavra negro , na qual exerce , pois reflete a negritude e a revaliação histórica das experiências do negro através da reinvidiação da Literatura.

Mirian Alves (2010) apropria- se da mesma nomenclatura utilizada por autores e integrantes dos movimentos de autoafirmação quando a produção literária é de autoria de negros (as), Literatura negra.Seguindo a crítica literária, o pesquisador não negro Eduardo de Assis Duarte, classifica literatura afro- brasileira, pois acredita na amplitude do conceito podendo assim inserir outros autores.

A antologia pesquisada rompe com as cicatrizes deixadas pelos resquícios da escravização. A obra referida é apenas uma de tantos escritos afro-gaúchos que estão enegrecendo a história da literatura, pois, a mudança no olhar estético e crítico referente a essas produções rompem com o eurocentrismo. E, o aumento de pesquisas acerca de autores negros gaúchos, escritoras e escritores contemporâneos é resultado positivo de resistência.

Ao pensar nos poemas que fazem referência a religião de matriz africana, em especial os da antologia *Sopapo Poético: pretessência (2016)* não me direciono somente para o leitor negro, mas para demais leitores, pensando em derrubar a base ocidental e estética. De acordo com a pesquisadora negra Jurema de Oliveira(2018):“A memória une os vivos aos antepassados e fixa os valores por intermédio de usos e costumes, pois o contador nunca esquece os pormenores da

narração.” (OLIVEIRA, 2018, p. 83).

A resistência em relação à religião de matriz africana, muitas vezes, se inicia na família, pois minha filha de apenas um ano de idade foi presenteada com uma Bíblia infantil. Mas poderia ser uma obra literária que abordasse a religião de matriz africana.No berço do batuque, há poucas casas de religião que ensinam as crianças sobre a educação no terreiro e o papel neste universo sagrado, além da importância de calar,escutar,brincar e viver entre os Orixás.

Uma dessas casas utiliza a literatura- infantil negra para explicar acerca da tradição africana. Com uma vasta biblioteca voltada para a cultura afro- brasileira, a casa liderada por uma Mãe de Santo negra e repleta de mulheres mais velhas de axé que apresentam um estudo coletivo e direcionado visando a importância das crianças nos terreiros, pois são seres sagrados. “A ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encante, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível.” (RUFINO, 2019, p. 10).

A obra *Sopapo Poético: Pretessência* (2016)

A antologia *Sopapo poético: pretessência* (2016) é originária do sarau negro intitulado Sopapo Poético. O sarau de poesia negra surge com a necessidade de descrever e dar suporte aos gaúchos, especificamente, aos afro- gaúchos. O sopapo poético é um espaço de diálogo e de aquilombamento com temas que permeiam cada vivência seja dos participantes ou / e integrantes. A identificação com as poesias declamadas muitas vezes entende a esfera de circulação de cada vivenciador do sarau, pois o processo de desconstrução começa pela recuperação de uma memória coletiva que reflete a identidade cultural. E é o poema o espaço previlegiado, pois é, conforme aponta Octávio Paz, “revolucionário por natureza”(2012, p. 21) é o gênero literário que melhor expressa essa ruptura por ser, nas palavras do poeta mexicano, “o lugar de encontro entre a poesia e o homem” (PAZ, 2012, p. 17).

O encontro de vozes pretas que ocorrem mensalmente através do Sarau Sopapo Poético que teve inicio em março de 2012 pela Associação Negra de Cultura (ANdC) e que se mantém atualmente, soma, acolhe e cria laços na comunidade negra.Seu surgimento foi devido aos diversos saraus pretos espalhados pelo país, um exemplo, foi o *Sarau Bem Black* descoberto no ano de 2011 na 57ª Feira do Livro em Porto Alegre e apresentado pelo Nelson Maca (1965-) fundador e *performer* do Sarau Bem Black, BA e pela atriz, militante e gaúcha Vera Lopes, ambos influentes na

construção do Sarau Sopapo poético. A militante foi uma das maiores incentivadoras na formação do sarau citado, pois, segundo Vera Lopes era importante para a cidade de Porto Alegre, um sarau negro que impulsionasse a cultura negra. O sarau sopapo poético é um local de aquilombamento, acolhimento e que resgata a historiografia da comunidade negra, em especial, a sulina.

Conforme Nascimento:

> Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidadeatravés da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Aparentemente um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de uma improvisação de emergência em metódica e constante vivência dos descendentes de africanos que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista. O quilombismo se estruturava em formas associativasque tanto podiamestar localizadasno seiodeflorestasde difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico- social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, freqüentemente com ostensivas finalidades religiosas(católicas), recreativas,beneficentes,esportivas,culturaisou de auxílio mútuo. Não importa as aparências e os objetivosdeclarados: fundamentalmente, todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevantena sustentação da comunidade africana.Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os‘ilegais’foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história.A este complexo de significações, a esta praxis afrobrasileira, eu denomino de quilombismo (NASCIMENTO, 1980, p. 5-6).

O nome do sarau Sopapo faz referência ao tambor, instrumento essencial na religião de matriz africana, e patrimônio cultural da cidade de Pelotas . Além de ser produzido com madeira e couro de cavalo pelos africanos escravizados que trabalhavam nas charqueadas também na região de Pelotas, Rio Grande do Sul.

> Instrumento pouco mais de um metro de altura e 60 centímetros de diâmetro. Dono de um grave absoluto. Esculpido originalmente em tronco de árvore. Feito com couro de animal, cavalo e gado perfeitamente. Elo de ancestralidade com a Mãe África,ritual de permanência,objeto de eternidade: sopapo enquanto instrumento profano exige apenas mãos para ser tocado. Enquanto instrumento do sagrado, exige apenas a devoção das mesmas mãos que faziam a carne e o sal e que ainda hoje fazem o carnaval (TÜRK; VALENTIM, 2010).

O sarau sopapo poético que deu origem a antologia em análise inicia com atividades rituais do batuque. Inicialmente referencia os Orixás, primeiro o Bará, que abre os caminhos, na sequencia xangô a justiça e dono do tambor e oxum o ouro e

protetora das crianças. “A estrutura do sarau consiste em três momentos dinamicamente encadeados: primeiro, a roda aberta de intervenções poéticas; segundo, a acolhida do ‘Sopapinho’ (entrada a estrutura do sarau contém três momentos, a roda de poesia, o sopapinho e das crianças na roda do sarau), e, por último, a apresentação do homenageado da noite” (FONTOURA; SALOM; TETTAMANZY, 2016, p. 162). O momento final mantém experiências e troca cultural através dos mais velhos que possuem uma sabedoria ancestral.

A feira afro faz parte do Sarau, são homens e mulheres que expõem e vendem artesanatos, alimentos, bijuterias e livros relacionados à cultura negra . Além disso, o sopapapinho conta com atividades voltadas para o público infantil, por exemplo, leitura, escrita, músicas, contação de histórias afrocentradas, um olhar atento á realidade das crianças que abordam o racismo através da arte. Essas crianças também têm um momento de interação com o público adulto, mostrando seus trabalhos ou se apresentando, nome e idade.

Na roda de poesia a comunidade negra se expressa em coletivo nesse espaço em que a questão do negro é tratada de forma poética e visceral. O nome Sopapo Poético marca a identidade afro- gaúcha tanto do sarau como da antologia. Os poemas na roda de poesia estão em constantes movimentos, mas, nos espaços educativos direcionados ao aprimoramento da literatura afro- brasileira e a literatura afro- gaúcha, ainda não tem a orientação adequada e o espaço necessário. O sarau é composto por poetas anônimos e/ ou emergentes que estimulam a expressividade oral através de poemas, músicas e performances que dialogam com os ouvintes num período de duas horas. A fim de elevar a auto-estima e promover a cidadania da comunidade afro-rio-grandense.

No momento das declamações aos participantes em que a expressão artística é elucidada por meio de poemas, as memórias acabam sendo resgatadas por mais dolorosa ou prazerosa, com a intenção de partilhar e afirmar a resistência e a identidade do povo preto rio- grandense.Ecléa Bosi (1994,p.55) afirma que:“lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”.

Com a obra *Sopapo poético: pretessência (2016)* em análise, é que tive meu primeiro contato a temática religiosa de origem africana na literatura, especificamente o batuque. Com base nisso foi possível perceber a lacuna crítica acerca de obras de autoras e autores negras (os), gaúcha (os) e contemporâneas (os) na história da literatura do Rio Grande do Sul que abordem a temática da religião afro- gaúcha.

O processo de identificação, a busca por referências históricas, a afirmação da

ancestralidade, a negritude, a sabedoria ancestral, a memória coletiva e ancestral, a representatividade e o protagonismo são elementos nas narrativas da religião de matriz africana, o batuque.

A ancestralidade africana é um rastro da verdadeira história do povo africano fazendo parte da memória coletiva.Para professora doutora Laura Padilha osAncestrais: “(...) devem ser compreendidos não só no sentido africano,como espíritos dos antepassados mortos cujos corpos jazem sob a terra, mas como costumes, valores e tradições, a começar pela própria oralidade, fundamento maior da cultura daquele continente.” (PADILHA, 2007, p. 126). O ancestral é o centro do pensamento de matriz africano ,pois constitui a base cultural africana.Diante disso,que se mantém preservado a oralidade, a religião, as comidas de origem africana e os turbantes.

As obras voltadas para a religiosidade da autora pioneira negra e gaúcha Helena do Sul, também são neste mesmo formato com uma estética e linguagem diferenciada e direcionada para a cultura afro- brasileira e engajadas em desconstruir os resquícios da escravização.

A escrita relacionada à religião de matriz africana, batuque na história da literatura gaúcha é uma das maneiras de alforria,mas antes disso é preciso pensar de maneira criticamente acerca da estética literária e as suas particularidades apresentadas na literatura brasileira. A aceitação da cultura de matriz africana na linguagem dos poemas ainda enfrenta muita resistência como toda a cultura que envolve o povo negro.

A antologia *Sopapo poético: pretessência(2016)* é uma ferramenta de resistência que busca destruir a condição destinada à escrita das mulheres negras e gaúchas, pois é preciso romper com a crítica da estética. A obra citada apresenta como tema central a memória, além disso, é importante destacar que não são somente escrituras femininas, mas o recorte da obra é voltado para a literatura afrofeminina e/ ou literatura negrofeminina , pois apresenta ferramentas para pensar nas narrativas com um alto teor testemunhal.

A partir da obra literária mencionada, buscou- se entender melhor a poética afro- gaúcha e os poemas ligados a religião de matriz africana presentes na antologia que resgatam a ancestralidade negra e gaúcha.

A referência a religião de matriz africana na antologia citada inicia na produção gráfica. A ilustração da capa frontal apresenta cores referentes aos Orixás pertencentes à religião de matriz africana, batuque. Essas cores remetem aos Orixás: Bará e/ ou Xangô (vermelho), Ogum e/ ou Odé (verde), Oxalá (branco), Iemanjá (azul), Ossanha

(verde claro), Xapanã (rosa), Oxum (amarelo) e Obá (lilás), pertencem à nação jejê nagô que faz parte da religião do batuque. Além disso, a capa também dá indício da negritude e da ancestralidade nas narrativas.

Ela apresenta em sua ilustração uma pessoa de cor preta e rosto branco com roupas de estilo africana na cor branca e preta, tocando o tambor (Sopapo) representado pelas cores azul, marrom e verde.O título Sopapo Poético aparece escrito na cor preta em um fundo branco, já o subtítulo Pretessência na cor branca em um fundo verde.A parte traseira da capa vem representada em um fundo preto com os nomes dos autores(as)na cor branca e a palavra autores aparece escrita na cor amarela.

Já na parte interna do livro há várias fotografias do sarau Sopapo Poético sem identificação da data ou ano. Em cada página do livro que se encontra os poemas das autoras e autores afro- gaúchos há um caramujo, na verdade uma concha aberta ou fechada que é um item muito representativo na religião de matriz africana utilizado no jogo de búzios. O jogo de búzios é um dos rituais da religião em destaque sendo representado por conchas para obter respostas através da comunicação com os Orixás. Ao analisar todo o visual do livro, a parte interna e externa fica evidente a negritude, a cultura e a religião afro-brasileira, fatos importantes para a comunidade afro- gaúcha que não se vê representada em vários espaços, principalmente no Estado do Rio Grande do Sul.

A antologia poética pesquisada, publicada em 2016, é constituída com 63 poemas, 224 páginas e traz a apresentação do Sarau sopapo poético- Ponto Negro da Poesia como já mencionado em uma das suas páginas, além disso, é prefaciada pela Naíara Rodrigues Silveira Lacerda, professora e secretária- geral da Associação Negra de Cultura (AndC). Naira Silveira, como é mais conhecida, filha do poeta negro e gaúcho Oliveira Silveira (1941-2009) que apresenta uma citação. A frase de Giba Giba *“Cuidado que eles já nos viram!”,* também aparece contida na obra além de uma breve explicação acerca do sarau Sopapo poético.

Os poemas da antologia *Sopapo poético : pretessência (2016),* referentes a religião de matriz africana, batuque, apresenta riqueza de detalhes em práticas religiosas, as ações, os gestos, as performaces e as rezas, são perceptíveis sem a necessidade de explicação. O uso da palavra axé significa o poder vital existente em todos nós e aparece descrita em vários poemas. Há também poemas direcionados á Orixás específicos, poemas que tratam da resistência ancestral das mulheres negras, do matriarcado que garantiu a resistência da cultura de matriz africana, da força das mulheres negras que resistem ao subempregos e os resquicíos da escravização.

Em alguns poemas da antologia supracitada, especificamente de autoria feminina a linguagem empregada apresenta aspectos da cultura de religião de matriz africana, além de discorrem sobre resistência negra gaúcha, negritude, historiografia em relação aos negros e a religião afro- gaúcha “A produção textual das mulheres negras (...) põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes da realidade e das pesquisas históricas.” (ALVES, 2010, p. 67).

As vozes poéticas da antologia *Sopapo poético: pretessência* distribuídas nos poemas evocam vivências e resgatam histórias ancestrais, além de lembranças como a infância e questões referentes às opressões racistas e sexistas evocando resistência e insubmissão. Os poemas também tematizam sobre o processo de negritude temática já mencionada, mas especiífico que nesse caso, é em duas fases o processo de negritude: conciência e história, ou seja, discorre acerca do racismo e das subalternizações adivindas, em especial do período da escravização, além de apresentar uma busca da História negada pela História Oficial.

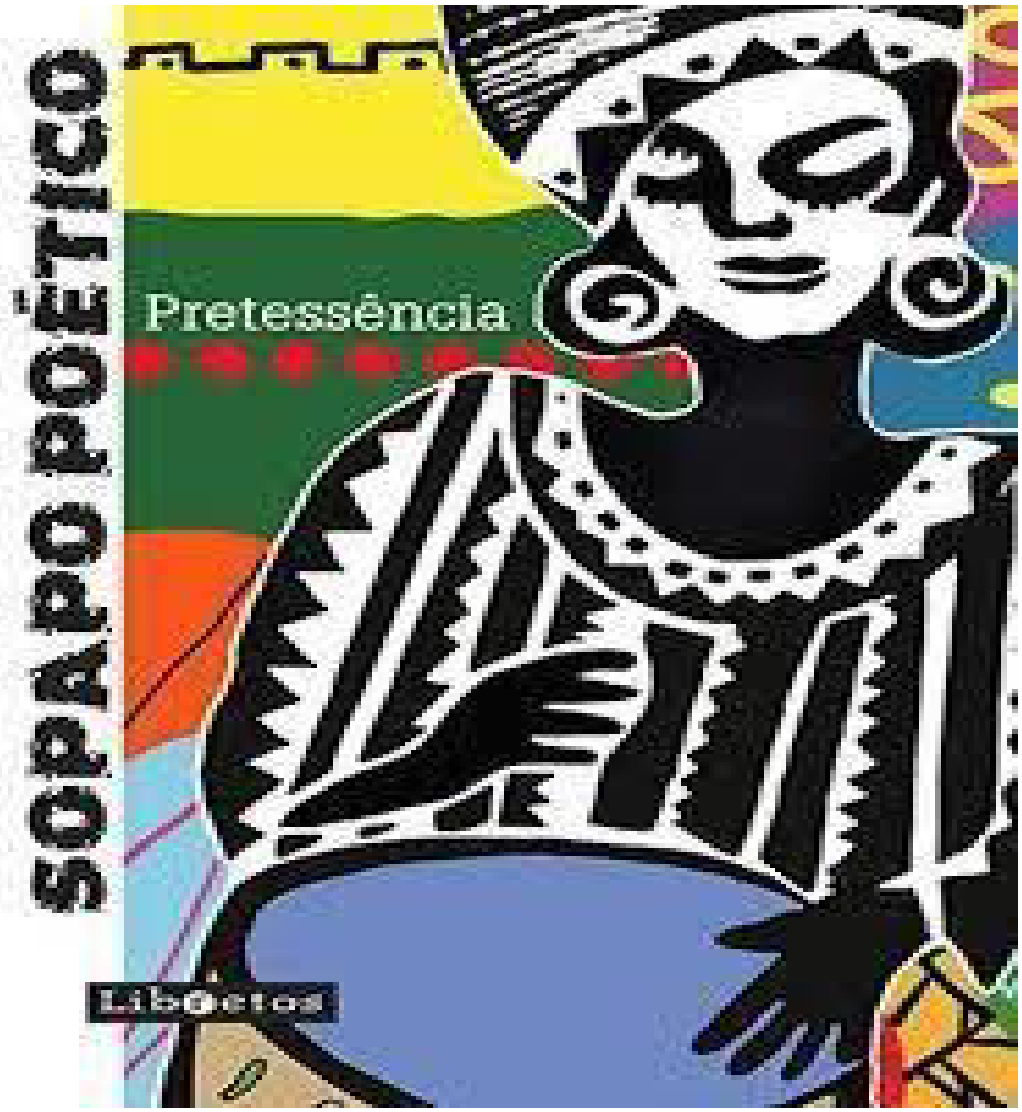
Através de alguns cenários dos poemas muitas lembranças longínquas são puxadas e rememoram momentos de felicidade que muitas vezes são tomados pela melancolia que rompe e traz a voz poética de volta à sua realidade. A ancestralidade negra é elucidada como o processo identitário e necessário para resitir.Além disso, muitos poemas tematizam dores, cicatrizes e feridas que fazem emergir uma gama de outras cicatrizes provocando incisões que expurgam feridas mais escondidas.

A antologia em análise discorre a luta antirracista, através das narrativas, em especial, as negrofemininas gaúchas.Na página, anterior as poesias de todos os poetas da antologia supracitada, é apresento um resumo biográfico de cada autor (a). As escritoras Delma Gonçalves[7], Isabete Fagundes Almeida[8] , Lilian Rocha[9] , Pâmela Amaro[10], Fátima Farias[11] , Maria do Carmo dos Santos[12] ,Nádia Lis Severo [13], Renata Mathias de Moura[14] todas estas poetisas citadas apresentam um ou mais poemas referentes à religião de matriz africana. Algumas dessas autoras rompem com o padrão, pois não são graduadas, porém a potência literária de suas escritas ancorada na escrevivência sustenta o legado ancestral dessas mulheres. Além de dar voz sustenta o legado ancestral dessas mulheres. Suas poesias que tem como

[7] Poetisa, compositora, graduada em Letras
[8] pedagoga
[9] Farmacêutica, analista clínica (UFRGS), especialista em Homeopatia (ABH),musicista e poetisa
[10] Atriz, cantora, compositora, arte educadora, nasceu em Porto Alegre e formado em Teatro (UFRGS)
[11] Poeta, cozinheira, compositora, ativista social, nasceu em Bagé;
[12] Graduada em Ciências Contábeis e História;
[13] Técnica em enfermagem nasceu em Alvorada;
[14] Professora de dança afro,formada em filosofia

temática a religião de matriz africana recuperam a tradição, a ancestralidade e a negritude afrodiaspórica.

Ao narrarem suas vivências e sabedoria ancestral dentro e fora das terreiras gaúchas estão compartilhando memórias coletivas e ancestrais.



O tambor Sopapo também é um legado cultural afro- gaúcho da comunidade afro- sul- rio-grandense, originário das charqueadas e que se tornou patrimônio imaterial instituído pela Lei 9.615/2021 na cidade de Pelotas/ RS, além disso, o dia Municipal do Sopapo instaurado pela Lei 7.222/2023 destaca a importância do instrumento na construção da identidade afro- gaúcha e da cultura negra. A comemoração realizada no dia 3 de fevereiro de 2025 na prefeitura Municipal de Pelotas contou com sete sopapos e muitas apresentações de poesia, de danças e de cantos populares e sagrados. O evento marca a resistência e a tradição com um convidado ilustre, o filho do mestre Baptista (*in memorian*) autor do livro*Vivência do Sopapo- Memórias da Ancestralidade* que relembrou o evento CaBoBu criado e idealizado pelo percussionista Giba Giba (1940- 2014) [15]que resgatou o grande tambor sopapo na cultura de Pelotas. O festival teve três edições, na primeira, o mestre Baptista coordenou a construção de 40 sopapos, e a última edição foi no ano de 2023.

No evento, entre os presentes estavam também mestres, artistas, comunidade, dançarinos, cantores, tamboreiros, representantes da cultura afro, instituições, Prefeitura Municipal de Pelotas, Conselho Municipal de Cultura e secretários do governo. O encerramento ficou ao som da música “Aos Mestres do Tambor” de Janete Flores. O tambor sopapo, muito utilizado entre os escravizados, é um símbolo de resistência, da ancestralidade e conectado com a religiosidade de matriz africana que mantém a tradição do tambor sopapo. Sua historiografia e memória seguem sendo elucidados na cidade de Pelotas/RS. A conexão com a ancestralidade e com a religiosidade que mantém a tradição do tambor sopapo.

Um dos eventos mais conhecidos na cidade de Pelotas/ RS é o CaBoBu título referente as iniciais dos nomes de três carnavalescos da cidade de Pelotas/ RS,que agrega, inspira e unifica o sagrado fortalecendo a comunidade negra e toda a sociedade, o grande tambor sopapo. Em sua primeira edição no ano de 1999 o CaBoBu resgatou o tambor sopapo, segundo seu idealizador Giba- Giba o projeto foi criado, em razão do protesto da presença negra no estado do Rio Grande do Sul, que referenciava o ataque-rei , o tambor sopapo. O título do projeto com base nas iniciais dos nomes de três carnavalescos da cidade de Pelotas. O evento agrega, inspira e unifica o sagrado fortalecendo a comunidade negra e toda a sociedade, o grande

[15] Cantor, compositor, percussionista, ativista cultural brasileiro e defensor da cultura africana. Ele que nascera em Pelotas- RS era conhecido como o guardião do sopapo, instrumento de percussão gaúcho. O músico e militante teve uma exposição referente ao protagonismo da cultura africana em Porto Alegre no ano de 2022, no mês de Novembro. Na exposição continha cadernos com letras de músicas, figurinos e fotos do CABOBU, festa idealizada pelo compositor. Além disso, a exposição conta com a imersão do filho de Giba Giba, Eduardo Naascimento que apresentou um vídeo inédito tocando o sopapo.

tambor sopapo.

Nas práticas religiosas, o tambor é peça fundamental sendo tocado pelos os tamboreiros das casas de terreiros que recebem por este serviço. Alguns tamboreiros tocam em várias casas de terreiro na cidade de Rio Grande- RS. Além disso, o Sopapo foi muito utilizado no período da escravização, na religião de matriz africana, batuque ele tanto purifica como é usado nos rituais de matança.

> O tambor nas religiões de matriz africana é o instrumento consagrado ao orixá Xangô, orixá que estava sempre em guerra, na luta pelo poder político. Além disso, foi por intermédio de um filho de santo de Xangô, Pai Valdemar de Xangô Kamucá, que se obtém registro inicial da prática afro- religiosa na região sul do RS. (MELLO, 2004, CORRÊA, 2009

O uso desse instrumento evocado pela voz poética no sarau do sopapo presente no momento ritualístico e nos terreiros do batuque atravessa as diferentes manifestações das religiões de matriz africana, pois resgata a força da ancestralidade e a força vital dos orixás. No sarau, o ressoar do tambor busca por uma memória coletiva, muita vezes dilacerada. Ele é a energia que ecoa as vozes ancestrais recolhida pela voz poética e importante culturalmente no espaço político e resistente que é o Sarau *Sopapo poético*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs a investigação acerca da temática da religião africana na literatura, em especial, batuque, no extremo sul do Brasil que contempla as cidades de Rio Grande e Pelotas ancorado na antologia *Sopapo poético : pretessência* (2016). Ao pesquisar sobre a religiosidade afro- gaúcha tive a necessidade de um contato direto com o universo religioso, em razão da ausência da historiografia sulina. Fui ao encontro de meus ancestrais e de meus iguais que contribuíram para a pesquisa e fez com que surgisse um olhar diferenciado em relação à religião de matriz africana, batuque. Infelizmente a história da literatura gaúcha, invisibiliza e silencia a presença negra no Estado sulino.Na literatura pelas lentes da História de Guilhermino César (1971) o negro foi marginalizado e subalternizado.Para muitas pessoas, o Rio Grande do Sul, é terra de pessoas brancas talvez pelo fato de os colonizadores subalternizar as versões que envolvem o povo afro- gaúcho como as formas de incumbir à resistência desse povo.

Utilizar a antologia *Sopapo poético: pretessência (2016)* como *corpus* da dissertação e conhecer a historiografia do tambor sopapo, instrumento sagrado

utilizado na religião de matriz africana, no período da escravização é sabedoria ancestral. Embora tenha sido momentos de trauma, dores e cicatrizes, o reconhecimento da historiografia sulina foi elucidado, mesmo de maneira breve. Além disso, abordar a temática religiosa de matriz africana, batuque foi muito difícil e se inserir num espaço religioso, participando de práticas religiosas de maneira indireta também não foi fácil.

O desconhecido causa medo e inquietações. Porém a importância de pesquisas referentes à religião de matriz africana, batuque são importantes para a historiografia e para o meio acadêmico. A intolerância religiosa e/ ou racismo religioso que se abate contra o povo do Terreiro no Estado sulino e no país como um todo também deve ser debatido.Os frequentes ataques precisam de mais ações e respeito a tradição de matriz africana e afro- brasileira.

A mudança de olhar estético da literatura para estudos enegrecidos que devem / deveriam fazer parte da História da Literatura, se faz necessária como novos escritores (as) no cânone. A literatura e a religião de matriz africana, a escrita das mulheres afro- gaúchas possibilitou averiguar um olhar diferenciado sobre a religião afro- gaúcha na literatura.

A antologia *Sopapo Poético: Pretessência (2016)* ao discorrer sobre seus pares negros me atravessou enquanto pesquisadora preta, não sendo muito diferente ao falar das mulheres negras e das suas vivências afrodiaspóricas. Os poemas contidos na obra, que abordam a religião de matriz africana, batuque destacam as particularidades dos rituais e a voz poética feminina e gaúcha. As mulheres negras, afro- gaúchas apenas querem serem ouvidas e ocuparem espaços que ainda são negados. Essas vozes ancoradas na obra mencionada demonstram o poder da escrita e da ancestralidade dos orixás, do tambor e de suas escrevivências.

REFERÊNCIAS

ADICHIE,ChimamandaNgozi.Operigodeumahistóriaúnica.SãoPaulo:Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ASSUMPÇÃO, José Euzébio. *Pelotas: escravidão e charqueadas 1780-1888.* Porto Alegre: FCM, 2013.

ASSUMPÇÃO, Euzébio; MAESTRI, Mário. (Org) *Nós, os afro-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. p. 103-107.

AKOTIRENE, Carla.*Interseccionalidade*.SãoPaulo:SueliCarneiro;Pólen,2019. (Feminismos Plurais).

ALVES,Miriam.*BrasilAfroautorrevelado:*Literaturabrasileiracontemporânea.Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ALVES, Miriam.Aliteratura negra feminina no Brasil - Pensando a existência. *Revista ABPN*, v. 1, n.3, p. 181-189, 2010.

Bakos, M. M. (1990). Sobre a MulherEscrava no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, *16*(1, 2), 47–56.

BASTIDE, Roger. *A construção africana da pessoa.* IN Estudos afro- brasileiros. São Paulo. Ec. Perspectivas: 2001.

BERND,Zilá. *O que é negritude?*SãoPaulo:Brasiliense, 1981.

BOSI,Ecléa.*Memória e sociedade:*Lembranças de velhos;3ªEd.São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BHABHA,Homi.*OLocaldacultura.*BeloHorizonte:EditoraUFMG,1998.

CARDOSO.Lourenço de Cardoso. *"O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (período de (1957-2007)", 2008.*

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, São Paulo, v.17, n.49,p.117-132, set-dez. 2003.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo*: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.2011.Disponível em:<http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em 20 nov.2024.

Como Giba Giba impactou a cultura do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2022/04/como-giba-giba-impactou-a-cultura-do-rio-grande-do-sul-cl1pj2vnf0089017czsux7bk7.html. Acesso em:

20 out.2025.

CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

CONCEIÇÃO,Sônia Fátima da.Ser negro,povo,gente:"Uma situação de urgência".In:QUILOMBHOJE. *Reflexões.*São Paulo: Quilombhoje, 1985. p. 88-89.

CORRÊA, Norton F. O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-riograndense. 2ed. São Luiz: Cultura e Arte, 2006. 295p.

CORRÊA,Norton.*ObatuquedoRioGrandedoSul*:Antropologiadeumareligião afro-rio-grandense. 3ª Ed. Porto Alegre: Cultura&Arte, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documentos para o encontro de especialistas em aspectosda discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas.* Ano 10, 1º semestre, 2002. p. 171-188.

CUTI (Luis Silva). *Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos*.In: QUILOMBHOJE. *Reflexões.* São Paulo: Quilombhoje, 1985. p. 13-24.

CUTI(LuizSilva).*Literaturanegro-brasileira.*SãoPaulo:SeloNegro,2010.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Escravas (de cultura bantu) no Brasil no século XIX: resistir e sobreviver.In:PINSKY,Carla Bassanezi;PEDRO,Joana Maria(org.). Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Con-texto, 2012. p. 360-381. Dicionário Houassis.Disponívelem: https://diariodamanhapelotas.com.br/site/largo-do-mercado-ganha-esquina-do-axe-e-manifestacoes-populares/.Acesso em:20 jul.2025.

DocumentárioSopapoPoético–PontoNegronaPoesia–ParteI. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=drnHumzhjV8 Acesso em : 12 mai.2025.

DocumentárioSopapoPoético–PontoNegrodaPoesia–ParteII .Disponível em :https://www.youtube.com/watch?v=PryI81nr3ek&t=88sAcesso em:12 mai.2025.

Documentos inéditos iluminam origem de Luiz Gama e elo com Luiza Mahin. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/07/documentos-ineditos-iluminam-origem-de-luiz-gama-e-elo-com-luiza-mahin.shtml. Acesso em: 20 nov. 2025.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Teresinha.(Org) *Mulheres eliteratura:* transformando identidade.PortoAlegre:Palloti, 1997. P.79-89.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê,2017.

_____. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). Um tigre na floresta de signos. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

_____. A escrevivência e seus subtextos. In : DUARTE, Constância Lima;

NUNES, Issabela Rosado (orgs.).Escrevivência : a escrita de nós : reflexoes sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020a .p . 26-46.

FISCHER, Luis Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FONTOURA,PâmelaÂmaro;SALOM,JúlioSouto;TETTAMANZY,AnaLúciaLiberato. urgência".In:QUILOMBHOJE. *Reflexões.*São Paulo: Quilombhoje, 1985. p. 88-89.

FISCHER, Luis Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FRAGA, Walter;ALBUQUERQUE,WlamyraR.de.Uma história da cultura afro-brasileira.SãoPaulo:Moderna,2009,pp.43-63.

FREITAS, Décio (1977). Escravos e senhores de escravos. Porto Alegre:Universidade de Caxias do Sul/ Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes.

FREYRE, Gilberto. Tempo morto e outros temposSão Paulo: Global, 2012.

GIACOMINI,Sonia Maria.*Mulhere escrava: uma introdução históricaaoestudoda mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

Giba Giba - *O Guardião do Sopapo é homenageado pelo Museu Julio de Castilhos.* Disponível em: https://cultura.rs.gov.br/giba-giba-o-guardiao-do-sopapo-e-homenageado-pelo-museu-julio-de-castilhos. Acesso em: 20 out.2025.

Giba Giba ecoa seu tambor na Casa de Cultura Mario Quintana. Disponível em: https://cultura.rs.gov.br/exposicao-giba-giba-na-ccmq-parceria-do-iem-e-mjc .Acesso em:20 out.2025.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro.* Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes; Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GOMES, Heloísa Toller. "Visíveis e invisíveis grades": Vozes de mulheres na escrita afro- descendente contemporânea. *Caderno Espaço Feminino.* Uberlândia: Ed. UFU, v.12, n.15, p. 13-26, 2004.

GOMES, Laurentino. *Escravidão:*do primeiro leilão de cativos em Portugal até à morte de Zumbi dos Palmares, volume 1.Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.480 p.

GONÇALVES e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves (2000), "Movimento negro e educação",*Revista Brasileira de Educação,* Set./Out./Nov./Dez., 134-159.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GUTIERREZ, Ester. J. B. *Negros, charqueadas e olarias*: um estudo sobre o espaço pelotense.2ª Ed. Pelotas: Ed. UFPEL, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro,

2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: Identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende et. AL. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. Tradução Helen Hughes*. Projeto história: Revista do Programade Pós-graduados de História*, São Paulo, v. 31, 2005.

HALL,Stuart.Que'negro'éessenaculturapopularnegra?*RevistaLugarComum,* RiodeJaneiro,n.13-14,p.147-159,2001.

IBGE–INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.*Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.* Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 20 jul.2021.

KILOMBA,Grada. *Memórias da plantação:* Episódios de racismo cotidiano. Trad.JassOliveira.1ªEd.RiodeJaneiro:Cobogó,2019.

LANDGRAF,Cristiano.QuilombodoNegroLucas;LutaeResistênciana Froneira Mericional do Brasil. Porto Alegre, 2014. Editora Evangrf LTDA.

_____. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: LAJOLO,Marisa.Literaturaehistóriadaliteratura:Senhorasintrigantes.In: MALLARD,Letíciaet.al.*História da literatura:*ensaios.Campinas:Ed.UNICAMP, 1995.

Luiza Mahin e Dandara existiram? Saiba o que dizem historiadores.Disponível em: https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/desventuras/luiza-mahin-e-dandara-existiram-saiba-o-que-dizem-historiadores.phtml. Acesso em: 20 nov.2025.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios emsociedades negro-africanas. África: Revista do Centro de Estudos Africanos USP, São Paulo, v. 18-19, n. 1, p. 103-118, 1995-1996.

LEISTNER, Rodrigo Marques. A (re)construção da etnicidade nas religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul. África e Africanidades, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-16, 2010.

LEMAIRE,Ria.Repensandoahistórialiterária.Trad.HeloísaBuarquedeHollanda.In: LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes:* Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. Trad.Luiz Sérgio Henriques. 2ª Ed. São Paulo: Paze terra,2004.p. 19- 21.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana.* 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011. E-book.

MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editorada UFRGS,2008. Diversidades series, 240 p.

MAESTRI FILHO, Mario José (1979). Quilombos e quilombolas em terras gaúchas. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes.

MAESTRI, Mário. O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1984. 203p.

_____. O escravo gaúcho: resistência e trabalho. Porto Alegre: Editoria UFRGS, 1993.

MAESTRI,Mario.OescravismonoBrasil.SãoPaulo:Atual,1994.

MAESTRI, Mario. Pampa negro: quilombos no Rio Grande do Sul. In.: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, p. 332-379, 2012.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória:* O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza edições, 1997.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura afro- brasileira. São Paulo; Contexto, 2009, pp 100-150.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOREIRA,MariaEunice.Cânoneecânones:umpluralsingular.*Letras*,UFSM, n.26,jan-jun. 2003. p. 89-94.

MOURA,Clóvis.DicionáriodaescravidãonegranoBrasil.SãoPaulo:Editorada Universidade de São Paulo, 2004.

Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica Petrônio Domingues. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/7488/748879378002.pdf Acesso em: 22 out.25.

MUNANGA, Kabengele (1988), Negritude: usos e sentidos. 2ª ed., São Paulo: Ática

MUNANGA, K. *Negritude*: usos e sentidos. 3. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica,2009.

MUNANGA,Kabengele.OrigensafricanasdoBrasilcontemporâneo.3.ed.São Paulo: Gaudi Editorial, 2012.

NASCIMENTO, Beatriz. Historiografia do Quilombo (1977). In: União dos Coletivos Pan-africanistas(org.).BeatrizNascimento, QuilombolaeIntelectual:Possibilidadenos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, B. O negrovistoporele mesmo. Revista Manchete,Riode Janeiro,p. 130-131, set. 1976.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo um conceito emergente do processo histórico cultural da população afro-brasileira: Uma proposta do autor aos seus irmãos e irmãs afrodescendentes no Brasil e nas Américas. In: II Congresso de Culturas Negras das Américas. Panamá, 1980, 13 p.

NASCIMENTO,Abdiasdo.(org).*Onegrorevoltado.* Riode Janeiro:GRD,1968.

_____. *O genocídio do negro brasileiro:* processo de um racismo mascarado.

Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Jurema. O preexistente e sua ausência emnarrativas contemporâneas de Moçambique, Angola e Brasil. In: OLIVEIRA, Jurema (Org) Africanidades e brasilidades: Literatura e Linguística. Curitiba: Appris, 2018. p. 83-94.

ORO, Pedro Ari. As religiões afro-gaúchas. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luis Carlos Cunha. *RS Negro:* cartografias sobre a produção do reconhecimento. 2ª Ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2010. p. 123-133.

ORO, Ari Pedro. As religiões Afro-Brasileirasdo Rio Grande do Sul. Debates do NER, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 9-23, jan./jun. 2008.

_____. O atual campo Afro-Religioso Gaúcho. Civitas, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 556-565, set./dez. 2012.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra:* O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2ª Ed. Niterói: Ed. UFF; Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

PIEDADE,Vilma.*Dororidade*.SãoPaulo:Nós,2017.

PINTO, Natalia Garcia. "Gerações de Senzalas, Gerações de liberdade: experiências de liberdade emPelotas /RS, 1850/1888".2018.253 f. Tese (Doutorado emHistória) – Programa de Pós- graduação em História- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Releituras da História do Rio Grande do Sul. Fundação Instituto Gaúcho de Tradiçãoe Folclore. Organizadores: Sandra da Silva Careli,Luiz Claudio Knierim. Porto Alegre, CORAG, 2011.

PÓLVORA, Jacqueline Britto. Na encruzilhada: Impressões da socialidade batuqueira nomeiourbano de Porto Alegre- RS. In: LEITE, Ilka Boaventura (Org) *Negros no sul do Brasil:* Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1996. p.158-175.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

REIS, Roberto. Cânon. In:JOBIM, José Luís (org). *Palavras da critica*. Rio de Janeiro, RJ:Imago, 1992.p. 65-92.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*Belo Horizonte: Letramento: Justificando,2017. (Feminismo plurais).

RAGO,Margareth."Amulhernahistoriografiabrasileira".In:SILVA,ZéliaLopes(Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

ROSA,PedroFernando Acosta da. *Sopapo poético e etnomusicologia negra:* agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre. 2020. Tese

(Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: . Acesso em: 20 mai. 2025.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTIAGO,AnaRita.*Vozes literárias de escritoras negras.*Cruz das Almas:Ed. UFRB, 2012.

SILVA, Da Leandro Alexandre. Paisagens Silenciosas: A Invisibilidade do negro em Cerro Largo (RS). 2017.112f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas) - Programa de Pós - graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas - Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Cerro Largo- RS, 2017.

PINTO, Natália Garcia. *Experiências de parentesco, escravidão e liberdade em Pelotas, 1830/1850*. 2012. 250 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,SãoLeopoldo,2012.Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/NataliaGarciaPinto.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2025.

SILVA, Maria Helena Nunes da. *O "Príncipe" Custódio e a "Religião" afro-gaúcha.* 1999. 226f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciência Humanas-DepartamentodeCiênciasSociais-Programadepós-graduaçãoemAntropologia-UniversidadeFederaldePernambuco-Recife,1999.

SILVA, Terezinha Juraci Machado da Silva.A mulher negra e a tradição afro-religiosa. In: ASSUMPÇÃO, Euzébio; MAESTRI, Mário. (Org) *Nós, os afro-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. p. 103-107.

Silveira, Hendrix Alessandro Anzorena. Afroteologia: construindo uma teologia das tradições de matriz africana. 2019

SODRÉ,Muniz.*Pensar nagô*.Petrópolis:Vozes,2020.

SOUZA, Marina de Mello. África e Brasil Africano. 2. ed. São Paulo. Editora Ática, 2007, PP. 121-145.

SOPAPO POÉTICO (2016). *Pretessência*. Porto Alegre: Associação Negra Cultura; Libretos.WERNECK, Jurema. *Introdução*. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d' água*.5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas : Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. PA Fontoura. Disponível em: https://www.scielo.br/j/elbc/a/D7tZP4kkHwRYyTjgkMzpMZh/ Acesso em : 20 out.2025.

ORO.Ari Pedro. Religiões Afro-Brasileiras doRio Grande do Sul: passado e presente. Estudos AfroAsiáticos, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

ORO, Pedro Ari. As religiões afro-gaúchas. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luis Carlos Cunha. *RS Negro:* cartografias sobre a

produção do reconhecimento. 2ª Ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2010. p. 123-133.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. Civitas, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-33, jun. 2003.

_____. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. Revista USP, São Paulo, n. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. *Perspectivas femininas afro-brasileira em Cadernos Negros (contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves.* Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

TORRES. Luiz Henrique.*História do Município do Rio Grande: fundamentos*. Rio Grande : Pluscom Editora, 2015.

TURCK, Gustavo; VALENTIN, Sérgio (org). *Ogrande tambor:entrevistas dos mestres Griôs.* Porto Alegre: Catarse, 2010

ANEXOS

Diário de campo

A pesquisa realizada dentro das terreiras na cidade de Rio Grande- Rio Grande do Sul, é uma devolutiva ao povo de matriz africana (batuqueiros, umbandistas, povo de terreiro, comunidade negra, candomblecistas).O fio condutor para produzir esta dissertação foi à pesquisa de campo que possibilitou uma visão de dentro das terreiras gaúchas na cidade de Rio Grande. Ao vivenciarmos as práticas religiosas juntamente com sacerdotes, sacerdotisas, adeptos e praticantes da religião de matriz africana, um exemplo, o batuque e demais práticas religiosas como a Umbanda fomos imbuídos de conhecimentos acerca da tradição de matriz africana e afro-brasileira. Ao observarmos a atuação de dentro das terreiras mediante interlocução das lideranças religiosas, cujos valores apontam para coletividade e reciprocidade, pois os terreiros são espaços de prática de vida e produção de conhecimento. Com base nisso, desenvolveu- se a pesquisa ancorada na construção da identidade afro- gaúcha e afro- brasileira.

Com o objetivo de alterar a condição marginal que é como a religião de matriz africana, ainda é vista pela sociedade e pelo abate contra o povo de terreiro do Rio Grande do Sul e do país através da intolerância religiosa e do racismo religioso é que as visitas também foram realizadas em uma igreja evangélica. Nas visitas, a escuta e as observações foram importantes para tentar entender um pouco da cosmovisão dos praticantes da religião evangélicas, os crentes. Para isso, participamos de vigílias que iam à madrugada, cultos, círculos de orações e festas evangélicas. Os ataques eram de todo os tipos como a autodesqualificação aos praticantes da religião de matriz africana.

A falta de conhecimento e de uma argumentação qualificada acerca da religião sul- rio-grandense pelos evangélicos é evidente como as visões estereotipadas e negativas. Crentes que levam adereços e fotos de pessoas com roupas de religiãoque utilizavam quando eram praticantes do batuque para cultos evangélicos, críticas as oferendas alegando a falta de respeito e de como são escancaradas as práticas religiosas, crentes que deixam de comprar em comércios ao descobrirem que os donos são praticantes da religião de matriz africana. Todas as religiões merecem respeito, cada pessoa escolhe a religião que mais se enquadra com o seu perfil e personalidade para professar sua fé.

As terreiras da cidade de Rio Grande -RS

Cada terreiro, Templo ou Ylê visitado tem sua própria organização. Um ponto importante é a manutenção da essência da religião, seja ela umbanda ou batuque dentro das terreiras. Em muitos diálogos os integrantes (filhos e filhas) da religião de matriz africana compartilhavam memórias, experiências e ideias nestes espaços afro-religiosos. Para muitos as terreiras são espaços de prática de vida, de muito conhecimento e de valores afrocentrados baseados na coletividade. A frase mais escutada nas visitas foi: É na cozinhaque mais se aprende,em razão da produção de alimentos específicos para cada Orixá, das oferendas, da gastronomia de matriz africana.No entanto, nas terreiras se aprende em todos os lugares, pois a oralidade, a escuta, a ancestralidade são elementos essências na religião de matriz africana. O acolhimento, os ensinamentos aos adeptos da tradição de matriz africana da cidade de Rio Grande também são evidentes. A hierarquia dentro das terreiras é muito respeitada, nas entrevistas geralmente eram os líderes religiosos ou pessoas com mais tempo na religião que respondiam as perguntas. As funções de cada integrante da religião eram escolhidas pelos lideres religiosos.

Diálogos

Nos diálogos dentro da casa de terreiro foi possível perceber que cada umtem um conhecimento acerca da religião, alguns integrantes são de berço, outros não. Certos ensinamentos são partilhados, mas tem os que se mantém no sagrado. Ao pedir para os adeptos se nomearem como integrantes da religião de matriz africana, batuque, as variedades foram muitas; sou batuqueiro, sou do axé, africanista, integrante da casa de religião, filho de santo, sou da religião, dentre tantas outras.

A busca pelo auxílio espiritual e o cuidado com a saúde em momentos de desespero e o fato de não encontrar respostas e / ou solução em outros segmentosda sociedade também se fez muito presente nas narrativas de adeptos e futuros integrantes da religião afro- gaúcha. Em muitos casos, as pessoas se tornamadeptos da religião de matriz africana em busca de cura. Como os próprios integrantes comentaram; na religião se entra por amor ou pela dor. A dor acaba sendo o caso de muitaspessoas.Aesperançaoutalvezo último recursofaçacomque muitaspessoas entrem para religião de matriz africana. No entanto, muitas ao conseguirem a cura ou o objetivo alcançando se afastam ou migram para outros segmentos religiosos. Ao

entrar para a religião de matriz africana, a pessoa precisa passar por algumas mudanças,pois o batuque caso,a pessoa seja adulta ocorre à manifestação do Orixá, se for à umbanda a pessoa passa pelo o desenvolvimento espiritual.

Festas

As festas sempre com muita comida e bebida, algumas com visitantes, mães e pais de santos de outras casas de religião que são convidados, outros homenageados. As vestimentas da religião afro- gaúcha são belíssimas, afinal é uma festa. O dia da obrigação no terreiro das casas visitadas é um momentorepresentativo espiritualmente, algumas dessas casas envolvem rituais de sacrifíciode animais. A gastronomia da religião de matriz africana é muito farta, os animais sacrificados não são desperdiçados,pois se tornam pratos deliciosos que serão partilhados tanto pra assistentes como adeptos da religião. As roupas brancas, guias no pescoço de acordocomseu orixá, panona cabeça em alguns homens, mulheres e crianças.Já na festa de EXU, roupas pretas, vermelhas, roxas, marrom e muitabebida. No batuque, a cada final da reza uma saudação ao orixá, além de coreografias e danças específicas de acordo com cada orixá, mulheres de um lado e homens de outro, mas todos na corrente. Muitas mulheres que estão na corrente (roda) com seus filhos nos braços , a nova geração da casa de religião. As rezas são diferentes em cada terreira visitada

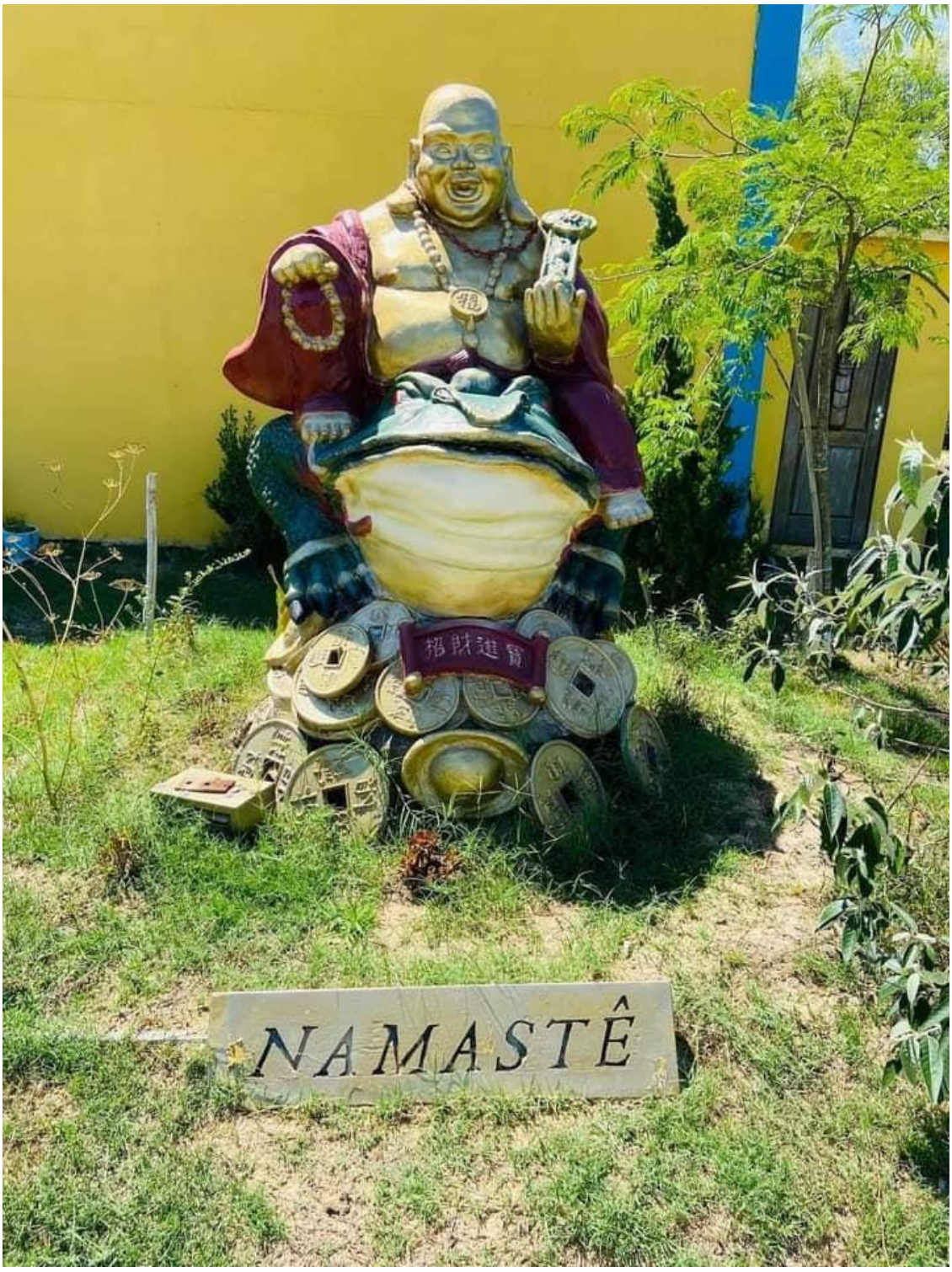
Sítio Vitória Recanto dos Órixas

Pai Pedro D'Oxum Brilham

A casa de terreiro Oxum Brilham inaugurada em 13 de maio de 1972, foi uma das que observei práticas religiosas. Nos fundos tem o Kantuá , um espaço repleto de plantas referentes a religião de matriz africana. As fotos a seguir são os monumentos do Sitio Vitória, um espaço sagrado, que faz parte do Templo Oxum Brilham.



Oxum na versão sereia



A imagem do Buda apresenta traços asiáticos por uma escolha do dirigente e líder espiritual do Templo Oxum Brilham. Ao questionar acerca dessa escolha com o líder espiritual não hove uma explicação definida. Além disso, a palavra Namastê escrita na placa da cor dourada localizada na frente da imagem mencionada, serve para os visitantes e os filhos de santo fazerem reverência a imagem.


PAI
OSSANHA
REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA


OXUMARÊ
REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA



Oxossi



Casa de Nanã


MÃE
OXUM
REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA


MÃE
OBA
REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA


Mãe Nely
Luz em nossos caminhos e belas
lembranças em nossos corações.
Obrigado por tudo que fizestes por nós.
Aquele que amamos não se ausenta,
se traduz em eternidade e saudade!
Gratidão!
REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA


MÃE
IANSÃ
REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA


REDMI NOTE 8
AI QUAD CAMERA